

Bloco Mágico

Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

Número 6 – Janeiro de 2018

Seções

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Paris (França)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)
Teresina (PI)



Núcleos

Barra Mansa (RJ)
Cuiabá (MT)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
São Paulo (SP)
Teresópolis (RJ)
Vassouras (RJ)

Sumário

| | |
|---|----|
| 1) Editorial | 2 |
| 2) Memória e instituição | 6 |
| 3) Apresentações de trabalho | 7 |
| “Fantasia, uma janela para o sujeito” | 7 |
| “Procura-se uma analista feminista” | 10 |
| “O desempenho do supereu” | 16 |
| “Da fantasia fundamental ao masoquista...” | 21 |
| “O que esperar de uma análise?” | 27 |
| “Walt Elias Disney e a construção do mundo da fantasia” | 32 |
| 4) Experiências de estudo e trabalho | 38 |
| 5) Próximos eventos | 39 |
| 6) Bulletin de la SIHPP 11 janvier 2018 | 59 |
| 7) Ficha técnica | 64 |

CORPO FREUDIANO
ESCOLA de PSICANÁLISE

Observação: Este boletim interno se destina exclusivamente ao uso dos membros das diversas Seções e Núcleos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

“Necessário, o desejo de despertar insiste às vezes efêmero, embora feérico, como na festa do *réveillon*, em que a vida é comemorada no limiar da morte: o sujeito Janus, debruçado sobre Janeiro, comemora aí duplamente o Ano Novo que se anuncia e aquele que se encerra.”

(Denise Maurano, Heloneida Neri & Marco Antonio Coutinho Jorge, *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*, 2011).



1) Editorial

Entre o desejo de retornar
e a vontade de recomeçar

Um novo ano se inicia. Tal passagem implica necessária e simultaneamente em despedidas e recomeços. Projetos se encerram e outros estão apenas se iniciando. Não é sem motivo, portanto, que o mês de janeiro foi nomeado em homenagem ao mito de Janus, o deus romano das mudanças e transições. A estátua de sua cabeça, imponente nas portas das cidades, tinha uma dupla função: vigiar ameaças provenientes do exterior e zelar pelo bem-estar dos que se encontravam no interior.



Na apresentação do livro *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*, compilação dos trabalhos apresentados no I Colóquio Internacional do Corpo Freudiano em 2007, Denise Maurano, Heloneida Neri e Marco Antonio Coutinho Jorge chamam a atenção para o fato de que a festa do *réveillon* celebra o desejo de despertar. De fato, em seu próprio nome encontramos a raiz do verbo despertar [*réveiller*]. Ao cantarmos “Adeus, ano velho; feliz ano novo”, inconscientemente nos remetemos à intrínseca dualidade entre a despedida e o encontro, a morte e vida, representada pelo mito romano: “Necessário, o desejo de despertar insiste às vezes efêmero, embora feérico, como na festa do *réveillon*, em que a vida é comemorada no limiar da morte: o sujeito Janus, debruçado sobre Janeiro, comemora aí duplamente o Ano Novo que se anuncia e aquele que se encerra”¹.

Com efeito, esta dimensão de Janus parece representar a estrutura do sujeito em sua divisão, como notou Marco Antonio Coutinho Jorge no primeiro volume de sua trilogia *Fundamentos da psicanálise*. O autor destaca que esta figura mítica esteve presente desde 1899 na mesa de trabalho de Freud, e propõe que esta figura, representando a dualidade entre o belo e o feio, o novo e o velho, o passado e o futuro, a vida e a morte, o masculino e o feminino, seja interpretada como uma representação daquilo que Freud demonstrou com a descoberta da psicanálise: o conflito psíquico e a divisão subjetiva².

Seguindo as linhas abertas por estes autores, proponho abordar a cabeça de Janus também como representante da dupla dimensão da pulsão de morte, que revela a íntima conexão entre destruir e construir, conservar e criar. De Freud a Lacan, este conceito foi ganhando espaço no campo analítico e se revelando cada vez

¹ Maurano, Denise; Neri, Heloneida & Jorge, Marco Antonio Coutinho. “Apresentação”. In: _____. *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2011, p.7.

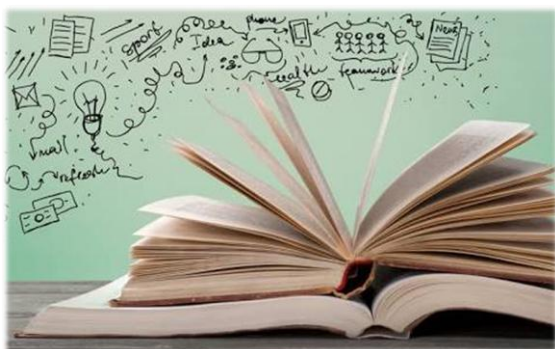
² Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 1: as bases conceituais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.103.

mais central para a psicanálise³. Se Freud enfatizou o desejo de retornar, expresso na compulsão à repetição, cuja expressão máxima é o movimento de retorno ao inorgânico⁴, Lacan enfatizou a dimensão criacionista da pulsão de morte, que impulsiona também a vontade de recomeçar *ex nihilo*, isto é, criar a partir do nada⁵.

Deste modo, tal como Janus, a equipe do Bloco Mágico propõe dirigir ainda um último olhar para o ano que se encerra, retomando alguns trabalhos apresentados no VII Encontro Nacional e VII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano em novembro de 2017 – que foram gentilmente encaminhados por suas autoras para compartilhar a produção teórica realizada –, antes de, em seguida, lançarmos nosso olhar para os eventos que acontecerão neste mês, iniciando um novo ano de trabalho.

Começamos com o texto “Fantasia, uma janela para o sujeito”, no qual Marlise Eugenie D’Icarahy explora a dimensão da fantasia como uma “janela central de acesso ao sujeito de desejo”. Acompanhando a leitura de *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*⁶, empreendida no grupo de estudos que coordena há alguns anos na Seção Rio de Janeiro sobre “Fantasia, masoquismo e desejo”, a autora faz um percurso interessante ao indagar: o que é o desejo? Diferenciando-o da vontade, da demanda e da necessidade, ela conclui que “o desejo inconsciente distingue-se de vontade consciente, tanto por seu teor incestuoso, como por seu caráter masoquista, enraizado no desejo neurótico”, e sinaliza que Lacan busca responder a esta questão, no referido seminário, construindo o grafo do desejo.

O artigo seguinte se intitula “Procura-se uma analista feminista”, onde Camila Quintiro Kushnir aborda aquilo que denomina como “novas demandas por identificação na clínica”, propondo tratar a questão a partir da noção cunhada por Lacan de desejo do analista. Trata-se de uma reflexão atual e necessária, posto que cada um de nós é interpelado no cotidiano da clínica por demandas frente às quais havemos de nos posicionar. Como fazê-lo do lugar de analista? É isto que a autora se propõe a discutir.



Em “O desempenho do supereu”, Mayra Carvalho apresenta as hipóteses que vem desenvolvendo no âmbito do Mestrado em Psicanálise. Particularmente interessante é sua proposta de diferenciar a noção de “sociedade disciplinar”, cunhada por Michel Foucault, daquela de “sociedade do desempenho”, elaborada pelo filósofo coreano Byung-Chul Han.

³ Cf. a esse respeito a tese de doutorado de Ana Augusta Brito Jaques, intitulada “Pulsão de morte: genealogia de um conceito fundamental na psicanálise”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2015.

⁴ Cf. Freud, Sigmund. “Além do princípio de prazer” [1920]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.11-75.

⁵ Cf. Lacan, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

⁶ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* [1958-1959]. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

A autora associa cada uma dessas tendências – a ênfase na disciplina ou no desempenho – a uma das faces do supereu: a face da lei e a face do gozo, respectivamente. Hipótese interessante e bem sustentada na argumentação do texto, que poderá movimentar desdobramentos futuros.

No contexto da pesquisa sobre o tema da perversão, que vem desenvolvendo também no Mestrado em Psicanálise, Cassia Amara de Azevedo apresentou o trabalho “Da fantasia fundamental ao masoquista...”. A questão que mobilizou o trabalho é interessante: se a constituição da fantasia fundamental é estruturalmente masoquista, o que leva alguns sujeitos a se estruturarem como neuróticos e outros como perversos? Deixando-se guiar por esta pergunta – o que é a melhor maneira de pesquisar –, a autora propõe algumas elaborações que valem a pena conferir.

“O que esperar de uma análise?”. Efetivamente, o título da apresentação de Juliana de Moraes Leal Vaz convoca cada um de nós, que um dia decidimos nos entregar às associações livres, deitados no divã de quem elegemos como analistas. O que despertou minha atenção neste trabalho foi a abertura com a qual a autora decidiu compartilhar com a Escola os frutos das reflexões nela despertadas pela conferência proferida por Marco Antonio Coutinho Jorge intitulada “Amar, trabalhar, deliberar”. Ela confessa: “Saí daquele encontro como se tivesse saído de uma sessão de análise”. Bonito isto: deixar-se afetar, trabalhar e produzir a partir daí.

Por fim, o trabalho “Walt Elias Disney e a construção do mundo da fantasia”, escrito por Renata Motta Vasconcellos, encerra com chave de ouro esta pequena coletânea. Dedicando-se a adentrar a história de ninguém menos do que o fundador do “império” Walt Disney World e ilustrando o texto com belas imagens de diversos momentos de sua história, a autora revela nesta trajetória seu interesse em investigar o terreno da biografia à luz da teoria psicanalítica.

A experiência de estudo e trabalho que destacamos neste mês é a programação do Lispectator, que ocorreu no dia 9 de dezembro de 2017, na seção Rio de Janeiro, e contou com brilhantes trabalhos de vários analistas, gerando uma coletânea de textos que, assim esperamos, será publicada em formato de livro.

Convidamos todos a conferirem também os próximos eventos. O VIII Encontro Nacional e VIII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise já tem data e local marcados. O evento acontecerá de 15 a 18 de novembro de 2018 e se realizará na cidade de Cuiabá, no Hotel Delville Prime, com o instigante tema: “Amor, desejo e gozo, entre a clínica e a política”.

Antes disso, entretanto, a Rede Americana de Psicanálise (RAP) convida para a sua 4ª reunião, que acontecerá na cidade de Oaxaca, no México, entre os dias 19 e 21 de abril de 2018, com o tema “A cultura entre a vida e a morte”.

Na seção Rio de Janeiro, os *Três encontros sobre “O mal-estar na cultura”, de Freud* dominam a cena no mês de janeiro. Já a Seção Paris está fervilhando de eventos, que variam desde um seminário sobre a clínica da transferência até um ateliê de topologia clínica.

Divulgamos ainda o evento “Lacan, a experiência analítica”, organizado pelo Espace Analytique, que ocorrerá de 9 a 11 de março na França; o 5º Colóquio

Interpsy, que acontecerá entre 29 e 31 de março no Marrocos, com o tema “Globalização, particularismos e psiquiatria do sujeito”; e a 13ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, organizada pela International Sándor Ferenczi Network (ISFN), que acontecerá de 3 a 6 de maio em Florença, na Itália, com os temas “Ferenczi em nosso tempo” e “O renascimento da psicanálise”.

No Boletim da Sociedade Internacional de História de Psiquiatria e da Psicanálise de 11 de janeiro, destacamos o texto escrito por Elisabeth Roudinesco para o jornal *Le Monde* sobre a vida e a obra do psicanalista Michel de M’Uzan, falecido em 7 de janeiro deste ano. Ele foi citado pela historiadora como “um dos mais brilhantes psicanalistas franceses de sua geração”. O Boletim conta ainda com vários colóquios e jornadas de trabalho que ocorrerão na França.

Como tão belamente expressou Lacan em sua lição proferida em 13 de janeiro de 1954, a formação do psicanalista abrange nada menos do que “tudo o que fazemos e teremos de fazer na continuação da nossa existência”⁷. O mestre de Paris profere ainda uma frase incisiva aos participantes de seu seminário, que ressoa como uma invocação também hoje, para nós, psicanalistas do século XXI: “Se vocês não vêm para colocar em causa toda a sua atividade, não vejo por que estão aqui”⁸. Assim como agora, o ano em questão estava apenas começando, e Lacan, ao interpelar seus ouvintes – e, no nosso caso, seus leitores – parece querer manter aceso o desejo de despertar. Não é à toa, portanto, que ele inicia a primeira lição, proferida em 18 de novembro de 1953, fazendo uma referência à técnica zen do budismo⁹, uma vez que o nome “Buda” significa “aquele que despertou”.

Entre o desejo de retornar e a vontade de recomeçar, o mês de janeiro lança para nós um desafio, que propomos deixar em aberto, aos moldes de um corte da sessão: “Como permanecer acordado uma vez que se despertou ou, ao menos, como propiciar que a instantaneidade do clarão reincida mais frequentemente?”¹⁰.

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 2018
Bruno Albuquerque
Editor



⁷ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* [1953-1954]. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.16.

⁸ *Idem.*

⁹ *Ibid.*, p.9.

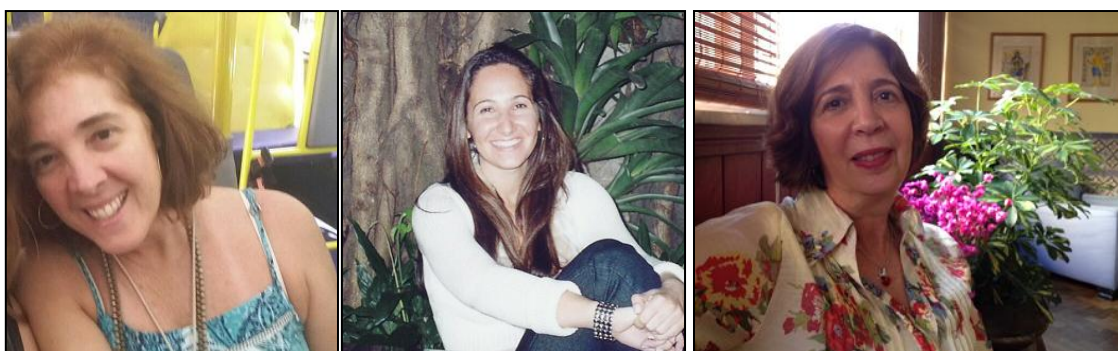
¹⁰ Maurano, Denise; Neri, Heloneida & Jorge, Marco Antonio Coutinho, *op.cit.*, p.7.

2) Memória e instituição

Caros Associados

O Colegiado do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro tem o prazer de comunicar a nomeação de três novos Analistas da Escola:

Eliane Carvalho Dalmácio
Hilana Erlich
Tania Quintas Grego Rosas



Atenciosamente,
Marco Antonio Coutinho Jorge – Diretor
Denise Maurano
Heloneida Neri
Nadiá Paulo Ferreira
Teresinha Costa

Também comunicamos, com pesar, o falecimento da colega psicanalista Luciana Affonso Gonçalves, ocorrido no dia 2 de dezembro. Luciana foi membro do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro e será lembrada por nós como uma pessoa muito querida. Deixará muitas saudades em todos nós por sua alegria contagiante, sua inteligência vibrante e sua doçura e generosidade com os amigos. O sepultamento foi realizado no dia 3 de dezembro de 2017, na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), onde ela residia nos últimos anos.



Corpo Freudiano Escola de Psicanálise– Seção Rio de Janeiro

3) Apresentações de trabalho

Fantasia, uma janela para o sujeito

Por: Marlise Eugenie D'Icarahy¹¹

A “experiência psicanalítica” é um sintagma bastante valorizado por Lacan no texto *RSI*, onde ele se indaga: “A análise, de que se trata?”. Iniciam essa experiência singular sujeitos que anseiam por poder *amar e trabalhar melhor*. Mas esse resultado, aparentemente modesto, costuma exigir que o sujeito acerque-se de seu desejo inconsciente. É nessa experiência, desenvolvida integralmente em palavras, que parece sem lógica, mas através da qual a lógica do inconsciente se insinua, que o sujeito pode escutar as ressonâncias de seus desejos mais recalcados.



Edward Hopper (Room in Brooklyn)

É importante ter em mente que o desejo inconsciente distingue-se de vontade consciente, tanto por seu teor incestuoso, como por seu caráter masoquista, enraizado no desejo neurótico. Nesse sentido, cabe indagar: *O que seria o desejo?* E o que seria o desejo no campo psicanalítico? Esse é o questionamento presente em *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*, ao qual Lacan busca responder, construindo o grafo do desejo, analisando cada um de seus andares. Inicia por aquilo que se concebe como necessidade, para logo demonstrar que o bebê humano, por ser mergulhado no caldo da Linguagem, transforma toda e qualquer necessidade em *demanda*. Ele diz: “a necessidade do sujeito é profundamente modificada pelo fato de dever passar pela demanda, logo, pelos desfilamentos do significante” (Lacan, 1958-1959/2016, p.38).

Mas a demanda também não se confunde com o *desejo*. Nesse sentido, Lacan se interroga: seria “o desejo [...] a realidade psicológica rebelde a toda organização? Será pela subtração das características indicadas como próprias da vontade que finalmente chegaremos a nos aproximar da realidade do desejo?” (Lacan, 1958-1959/2016, p.18). Lacan indica claramente que vontade e desejo apontam para caminhos distintos – com frequência opostos – e a clínica psicanalítica confirma cotidianamente esse fato.

Vontade, *Wunch*, *Wish*, não se confunde com desejo. Vontade se refere à intenção consciente do Eu. E o desejo? Em 1920, em *Mais além do princípio de prazer*, mas também já em 1919, com *Uma criança é espancada*, em *O estranho e*

¹¹ Psicanalista em formação no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, doutora em Psicanálise (PGPSA-UERJ) e em Psicologia (Université Nice Sophia Antipolis), mestre em Psicanálise (PGPSA-UERJ), atualmente atua como psicóloga do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e até 2013 atuou como psicóloga na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

nos texto dos *Três escrutínios*, Freud aponta que há no psiquismo uma dimensão constitutiva de cada um de nós, que em 1920 ele denomina de *pulsão de morte*, e que nos artigos anteriores denuncia como uma força no psiquismo que nos compele a agir de maneira contrária ao bem estar, à vontade de cada sujeito. Ele afirma: “Chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer” (Freud, 1920/1996, p.31). Em *O problema econômico do masoquismo*, ele robustece sua hipótese de que haja um masoquismo constitutivo.

[...] o sadismo, ou instinto de destruição, antes dirigido para fora, projetado, pode ser mais uma vez introjetado, voltando para dentro, regredindo assim à sua situação anterior. Se tal acontece, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original (Freud, 1924/1996, p.182).

Vejamos: a realidade psíquica, segundo Freud, é sexual, porém Lacan é incisivo ao afirmar que “a relação sexual não existe” (Lacan, 1974-1975, inédito), o que equivale a dizer que a pulsão não tem objeto preestabelecido. Por esse motivo, a sexualidade no campo da neurose e da perversão organiza-se em torno de uma fantasia, que recobre o núcleo real do inconsciente, o não saber intrínseco ao ser falante. Também em *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan afirma que “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse se situar como ser de macho ou ser de fêmea [...] o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça do Outro” (Lacan, 1964- 1998, p.194).

Nesse contexto, a fantasia fundamental demarca uma concepção *singular* de relação “sexual” com o Outro, *que se traduz em $\$ \langle > a$* , cujo paradigma é a fantasia masoquista estudada por Freud (1919a/2006) em *Uma criança é espancada*. Todos sabem que há nessa fantasia tempos lógicos que parecem ser sádicos, mas o cerne da fantasia é masoquista, diz Freud. E Lacan toma como paradigma da fantasia fundamental, a ser atravessado como fim da análise, o segundo tempo lógico dessa fantasia, masoquista. Nesse sentido, Jorge (2010) propõe que a fantasia, cujo paradigma é *Uma criança é espancada*, sintetiza o entroncamento da pulsão de morte e de Eros. Inscreve a relação sexual através de uma fantasia, descobre Freud e ratifica Lacan, através da qual cada sujeito supõe que aqueles que compuseram o grande Outro se comprazam com seu sofrimento e submissão.

Pierra Aulagnier (1975), renomada psicanalista, aluna e interlocutora de Lacan, retoma os estudos de Freud sobre os primeiros processos psíquicos. Dedicar-se à investigação desses arcaicos processos percorridos pelo *infans*, que lhe outorgam a percepção de si e do mundo como representações distintas. A autora intitula uma das etapas lógicas desse processo primário de *phantasme*, observando que o paradoxo desse processo primário é que o *infans* “experimenta o desprazer como comprovação que sustenta a certeza que tudo é experimentado como causa de desejo” (Aulagnier, 1975, p.110). A fantasia, de acordo com Lacan:

retém o sujeito na borda de seu desejo. Toda a natureza do desejo consiste em transferi-lo para o objeto [...] Bastará uma só, a fantasia “Bate-se numa criança” fundamental, por ser uma das primeiras descobertas, para fazer aparecer os traços mais essenciais dessa transferência (Lacan, 1958-1959/2016, p.126).

Nesse sentido, cabe lembrar, como vaticina Lacan, que desejo é “vontade de gozo” (Lacan, 1963/1998, p.784). Marco Antonio Coutinho Jorge também é cirúrgico ao afirmar que “a fantasia é precisamente aquilo que outorga *ser ao sujeito, fixando-o e localizando-o numa certa relação essencial com o seu ser*” (Jorge, 2010, p.104, grifo meu). Portanto, fantasia é janela *do e para* o sujeito, de onde ele percebe a realidade e na qual ele se inscreve enquanto posição singular diante do Outro; janela através da qual cada um, estruturado na neurose e na perversão, tende a perceber a realidade compartilhada; e também, a emoldurar sua relação de gozo fundamental com o Outro. Atravessar o âmago da própria condição de sujeito nas amarras singulares da fantasia de desejo que o estrutura é certamente o principal desafio de uma análise, por isso, a fantasia constitui-se como uma janela central de acesso ao sujeito de desejo.

Referências bibliográficas

Aulagnier, Pierra. *La violence de l'interprétation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

Freud, Sigmund. “O tema dos três escrutínios” [1913]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.313-325.

_____. “Uma criança é espancada” [1919a]. In: _____. *ESB*, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.193-218.

_____. “O estranho” [1919b]. In: *ESB*, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.235- 273.

_____. “Além do princípio de prazer” [1920]. In: *ESB*, v.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.11-76.

_____. “O problema econômico do masoquismo” [1924]. In: _____. *ESB*, v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.173-188.

Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-1959]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

_____. “Kant com Sade” [1963]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.776-803.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise [1964]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro 22: R.S.I. [1973-1974]*, inédito.

“Procura-se uma analista feminista”: as novas demandas por identificação na clínica e o desejo do analista

Por: Camila Quinteiro Kushnir¹²



Cabeça de uma mulher
(Leonardo da Vinci)

Ser psicanalista é uma posição responsável, a mais responsável de todas, já que ele é aquele a quem está confiada a operação de uma conversão ética radical da ordem do desejo¹³ (Jacques Lacan).

Nos dias atuais, nossa clínica encontra-se cada vez mais atravessada por demandas que aparentam trazer algo de novo para o cenário analítico. Pedidos de atendimento por Skype, pagamento por cartão de débito ou crédito, contatos feitos por *WhatsApp* ou *Facebook* são algumas das modalidades que podem inquietar os analistas. Como responder a isso?

Acrescenta-se a tais demandas a busca por perfis específicos de analistas. Procuram-se, por exemplo, analistas mulheres feministas (muitas vezes, pelo discurso de que um homem não pode ser feminista por não ser uma mulher), analistas negros, ou LGBTQIs (lésbicas, gays, bis, trans, *queers*, intersexuais), revelando, em grande medida, tentativas de assegurar um acolhimento sem preconceitos.

Nesse sentido, não seria o divã a ficar de fora do contexto produzido em nossa cultura, com destaque para movimentos sociais identificatórios, em que minorias oprimidas reúnem-se em grupos, nos quais seus membros, por identificação, reconhecem-se através de um afeto semelhante nutrido por uma mesma causa (Freud, 1921/2013).

Segundo Beatriz Santos e Elsa Polverel (2016), há seis anos, na França, acompanhando a difusão de estudos de gênero, começaram a surgir pedidos como: “Procuro uma (...) psicanalista segura para uma amiga que sofreu uma agressão sexual na infância”. Ou: ‘Alguém teria o nome de uma psi lésbica que trabalhe no norte de Paris?’”.

Atendendo a estas demandas – mas, também, visando produzi-las, seguindo uma premissa de Lacan (1958/1998) de que a oferta pode propiciar o surgimento de

¹² Psicanalista, mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ), especialista em Clínica Psicanalítica (IPUB/UFRJ), graduada em Psicologia (UFRJ), psicóloga clínica e preceptora de Psicologia no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Arthur Bispo do Rosário. E-mail: camilaqk@yahoo.com.br.

¹³ Lacan, Jacques. *O seminário, livro 12: problemas cruciais para a psicanálise* [1964-1965]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006, p.325.

uma demanda – alguns profissionais franceses de saúde mental (psicólogos, psicanalistas e psiquiatras) criaram um site chamado *Psysafe* (tradução como “psis seguros”). Este estabelece o *psi safée* como alguém capaz de receber pessoas com identidades e orientações consideradas marginalizadas, que acabam por sofrer discriminações sistêmicas específicas, não apenas da sociedade em geral, como também de profissionais da área da saúde.

Baseiam-se, assim, na concepção de que parte da população é discriminada nos espaços clínicos, podendo beneficiar-se do que é tido pelos analistas como um ato político: uma escuta NÃO neutra, que privilegia, para além do sujeito, as realidades opressoras do campo social. Desse modo, visa-se estabelecer um protocolo que afaste atitudes preconceituosas dos consultórios, assumindo o analista uma postura atenta em relação a “representações potencialmente opressoras presentes nas teorias que orientam as práticas” (Santos; Polverel, 2016).

Essa ideologia pressupõe, assim, que determinar traços identitários de um analista assegura uma escuta dita não normativa. Além disso, assevera que a correspondência entre o que se espera de um analista e o que se encontra, através da demanda, seja produtiva para o processo de cura.

Freud (1915[1914]/1996), ao tratar da regra da abstinência como uma recomendação dada aos médicos que praticavam a psicanálise, afirmava a necessidade de neutralidade no trabalho analítico. Contudo, muitos foram e são os que se equivocam na leitura freudiana, considerando que a abstinência equivaleria a negar qualquer satisfação ao paciente. Para estes, o analista não deveria consentir com o apaziguamento de forças que pudessem opor-se à análise. Freud, entretanto, foi claro quanto ao abrandamento de algumas pulsões. Se não houvesse algum tipo de satisfação, a análise tornar-se-ia inviável. O paciente não suportaria tal imposição.

Entretanto, por mais que existam substitutos às exigências pulsionais, cabe ao analista não ser ingênuo quanto a eles. Os próprios sintomas, por exemplo, servem de satisfação substitutiva, sendo este um dos motivos pelo qual o paciente aferra-se à doença. A melhora de um sintoma reduz a força pulsional que é utilizada no tratamento. Sendo essa força indispensável, sua diminuição traz riscos à finalidade da análise.

Por isso, deve-se cuidar para que o sofrimento do paciente não se dissipe prematuramente, até que os conteúdos recalçados possam ser suficientemente trabalhados (Freud, 1919[1918]/1996). Assim, se por um lado, a satisfação permite o prosseguimento da análise, por outro, não deve advir de uma resposta à demanda tal como exigida pelo paciente. É preciso que seu anseio persista enquanto libido a ser direcionada para o trabalho analítico, a fim de efetuarem-se mudanças.

O analista, dessa forma, deve manter-se atento à sua conduta. Para Freud (1919[1918]/1996, p.214):

[...] a experiência de se deixar levar um pouco por sentimentos ternos em relação à paciente não é inteiramente sem perigo. Nosso controle sobre nós mesmos não é tão completo que não possamos subitamente, um dia, ir mais além do que havíamos pretendido. Em

minha opinião, portanto, não devemos abandonar a neutralidade para com a paciente, que adquirimos por manter controlada a contratransferência.

Se Freud nos fala de contratransferência, Lacan (1960-1961/1992) dirá que esta é apenas um efeito irreduzível da situação de transferência (p.243), fenômeno que se apresenta entre analisante e analista. Há, dessa maneira, uma implicação do analista na transferência, o que determina que sua posição é fundamental para a operação analítica.

Nas palavras de Lacan (1960-1961/1992):

É preciso que o analista saiba, em particular, que o critério de sua posição não é que ele compreenda ou não compreenda. Não é, em absoluto, essencial que ele compreenda. Direi mesmo que, até certo ponto, o fato de que ele não compreenda pode ser preferível a uma confiança grande demais em sua compreensão. Em outras palavras, ele deve sempre pôr em dúvida aquilo que compreende, e dizer-se que aquilo que procura alcançar é justamente aquilo que, em princípio, não compreende [...] ele sabe o que é o desejo, mas não sabe o que esse sujeito, com quem embarcou na aventura analítica, deseja [...]

O que, então, uma escuta não neutra, visando corresponder a demandas, nos aponta? Se o analista crê que é possível sustentar uma identificação com aquele que lhe fala, tendo a certeza de que isto o assegura em sua prática, ele encontra-se num duplo equívoco: acredita saber o que o outro lhe pede, e, desse modo, responde a isto através de sua própria fantasia, isto é, do que imaginariamente cria como solução para si/o outro.

Lacan (1955-1956/1997), ao afirmar que a única resistência em análise é a resistência do analista, o faz por perceber que “o analista jamais é completamente analista pela simples razão de que é homem, e de que participa, ele também, dos mecanismos imaginários que dificultam a passagem da fala” (p.186). Assim, pode-se considerar que sempre haverá resistência em uma análise, por parte do analista, o que não significa que ele não se esforce a cada vez para não se identificar com o sujeito.

Para Lacan, se o analista empenha-se em pedir pela associação livre, ele o faz por supor poder haver do lado do analisante um sujeito que surge pela representação de um significante a outro, pelo fazer trabalhar os significantes, através da produção de saber inconsciente. Dessa forma, faz-se necessário sustentar um enigma em torno do que é demandado quando se pede por um analista específico.

Lembro-me de uma mulher que me procurou no *Facebook* atrás de uma psicóloga negra, mas que, vendo minha foto de perfil, em um lugar onde ela havia trabalhado – e que contribuiu para a piora de seu “transtorno” (sic) – decidiu me contactar. No final da mensagem, disse: “esquece o ‘negra’ do texto!”. Para Freud, o analista nunca sabe o que o faz entrar na série transferencial que se apresenta na fala

do analisante. Lacan, do mesmo modo, ao propor um matema da transferência, denomina de significante qualquer (S_q) o significante que é tomado ao acaso e que vem representar o analista, visando o fechamento da significação. Nesse sentido, qualquer significante produzido pelo analisante poderá servir para representar o analista, sem que este tenha o controle sobre isto.

Se ter esse controle não importa é justamente porque o que se visa estará para além da demanda, no campo do desejo. É, assim, indispensável a uma análise que haja uma aposta do analista no inconsciente. Este adere a uma renúncia ética visando propiciar que o analisante aproprie-se, gradualmente, do saber inconsciente que penetra nas brechas, no sintoma e no sem sentido de suas palavras (Kehl, 2009).

A aposta do analista deve ser que o tratamento possibilite ao analisante estar “menos alienado” aos significantes do campo do Outro que o determinam. Contudo, o processo de alienação é condição fundadora do sujeito. É nisto que consiste a divisão subjetiva. Não se trata, portanto, de “desalienar” o falante. A linguagem “o fala” antes mesmo que ele fale através dela, sendo o sujeito do inconsciente efeito da interposição do Outro.

Uma análise não busca eliminar a divisão do sujeito, não se tratando de curar o paciente de sua fantasia fundamental, o que seria impossível, mas sim está calcada na aposta de que o analisante consiga responder ao desejo – que é sempre desejo (de se fazer objeto) do desejo do Outro – de modo menos “ofuscado” (Kehl, 2009). Isto porque ele pode, no percurso, confrontar-se com a castração, com a inconsistência do Outro.

Pela transferência, através do processo de separação desencadeado na análise, os apelos por demanda de amor e reconhecimento passam a declinar. O analisante experimenta, assim, a desarticulação dos significantes do Outro que o marcam, isto é, a perda das significações. Mesmo que continue a produzi-las, ele poderá posicionar-se de outra maneira frente ao que lhe acomete por ter passado pelo lugar da falta; falta esta que sustenta o movimento desejante (Mourão, 2011).

Desse modo, esta falta revela-se ao analisante através de dois aspectos correlacionados. Por um lado, pelo encontro com a falta de um significante que lhe defina. Os significantes identificatórios do analisante têm sua função abalada, evidenciando não serem definidores, mas sim determinantes – não lhe dizem o que ele é, mas o determinam enquanto o que ele é –, sendo neles que o analisante encontra-se assujeitado. Por mais que se trabalhe para constituir novas insígnias, elas sempre estarão remetidas ao campo do Outro (Quinet, 2009).

Outro viés da falta diz respeito ao ser. O analisante, como vimos, é capaz de apreender-se enquanto unidade a partir do registro do imaginário (“eu sou isso”). Entretanto, a impossibilidade de complementariedade impõe-se, marcando a falta-a-ser. Aquilo que se declara é sempre insuficiente. Falta-a-ser em última instância o objeto capaz de corresponder ao Outro; o objeto que, pela fantasia, o analisante acredita que o Outro gostaria que ele fosse (Quinet, 2009).

É através deste encontro com a falta que o analisante poderá, ao fim de uma análise, operar na posição de analista. Diferentemente de um parceiro no amor, que

ao amar dá o que não tem, o analista tem a dar a seu analisante o seu desejo, com a diferença de que se trata de um desejo prevenido (Lacan, 1959-1960/2008), um desejo sem sujeito. O desejo de analista não é, assim, o desejo pessoal do psicanalista, desejo de ser um bom profissional, de combater injustiças sociais, ou de ser reconhecido por seu trabalho. Nem mesmo reduz-se à pulsão de saber.

Ademais, ao fim de uma análise, não se espera que o analisante tenha atingido um ideal de purificação de modo a poder servir de modelo identificatório ao praticar a psicanálise. A aposta é que o analisante, ao fim da análise, torne-se advertido frente às palavras e ao Outro, já que realiza não existir equivalente simbólico para a falta. Como analista, saberá, portanto, que a demanda do analisante não tem como ser suprida, e que de fato não é disto que se trata a experiência analítica (Ericson et al, 2008/2015). É pela frustração da demanda que o desejo do analisante poderá advir, cabendo ao analista suportar o lugar de vazio, necessário a esta operação; lugar representado pelo desejo de analista, a ser ocupado pelo desejo surgido através da fala do analisante (Cottet, 1989).

Nas palavras de Goldenberg (2014):

Enquanto analista deverá permanecer, na medida do possível, dessubjetivado, ao passo que nas horas vagas saberá haver-se com seu gozo fálico, sem maiores constrangimentos. Para isso se analisou: para deixar de cair como um pato nas armadilhas de sua própria fantasia, no que ela tem de convite ao sacrifício; para não ficar entregue à angústia, ou ser jogado na passagem ao ato, ou impedido de agir pela inibição, a cada incidente da vida relacionado com aquelas armadilhas. Em suma, o desejo advertido (por uma psicanálise) seria aquele que orienta os atos da vida sem fazer do sujeito o refém da fantasia em que tal desejo se sustenta (p.5).

Referências bibliográficas

- Cottet, Serge. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- Ericson, Nilza et al. “A resistência do lado do analista” [2008]. In: *Economia de gozo e final de análise*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, pp. 360-374.
- Freud, Sigmund. “Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)” [1915(1914)]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” [1919(1918)]. In: *ESB*, v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. “Psicologia das massas e análise do eu” [1921]. In: Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- Goldenberg, Ricardo. *Feios, sujos e malvados: alguns destinos da identificação nos psicanalistas* [2014]. Disponível em: <<https://ricardogoldenberg.files.wordpress>.

com/2014/07/feios-sujos-e-malvados-psicanalistas_ricardo-goldenberg.pdf>.

Acesso em: 4 nov. 2017.

Kehl, Maria Rita. “Ética e técnica”. *Revista Viver, Mente e Cérebro*. Coleção Memória da Psicanálise. São Paulo: *Duetto*, 2016, pp.46-55.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp.591-652.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959-1960]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O seminário, livro 8: a transferência [1960-1961]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O seminário, livro 12: problemas cruciais para a psicanálise [1964-1965]*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

Mourão, Arlete. *Uma aventura no território da falta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

Quinet, Antonio. *As 4+1 condições da análise*. 12.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Santos, Beatriz; Polverel, Elsa. “Procura-se psicanalista segurx. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica”. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n.1, p.3, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/normatividade-e-escuta-analitica/>>.



Consultório na Seção Rio

shopping centers e laboratórios de genética” (Han, 2015, p.23). Citando Han novamente:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal se tornam arcaicos (Han, 2015, pp.23-24).

Diante disso, Han (2015, p. 24) argumenta que a análise do poder empreendida por Foucault não forneceria mais condições para “descrever as modificações psíquicas e topológicas”, conseqüentes a essa reconfiguração da sociedade, que teria passado de um modelo disciplinar, que exercia controle e direto sobre os corpos, como meio de docilizá-los em prol de determinados interesses, para uma sociedade centrada no “desempenho”, à qual Han denominou “sociedade de desempenho”. Assim, ele aponta a ocorrência de uma mudança de paradigma entre uma forma e outra de sociabilidade.

Han também faz referência ao conceito deleuziano de “sociedade do controle”, a meu ver, sem muita preocupação em demarcar as diferenças entre este e o conceito foucaultiano de “sociedade disciplinar”, o que me leva a inferir que estes dois conceitos, para Han, diriam respeito a fenômenos que se encontram obedecendo ainda a um mesmo paradigma.

A sociedade disciplinar e a de controle, segundo Han, são constituídas pela negatividade, são determinadas “pela negatividade da proibição”. Na qual, cito Han, “o verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção”. Enquanto a sociedade de desempenho desvincula-se cada vez mais da negatividade, como efeito da operação do que ele chama de “desregulamentação crescente” (Han, 2015, p.24), e adere ao que ele nomeia como “excesso de positividade” (p. 28). Citando Han:

O *poder* ilimitado é o verbo modal da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can*¹⁵ expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (Han, 2015, pp.24-25).

Ao falar que as noções foucaultianas não serviriam mais para descrever a sociedade atual, Han parece apontar a ocorrência de uma ruptura, de uma descontinuidade, entre um modelo e outro de sociedade; porém ele traz ao menos um ponto de continuidade, a existência de uma dimensão comum entre a sociedade disciplinar e a de desempenho, que seria, nos termos dele, “o desejo de maximizar” a produção, o qual, segundo ele, “já habita, naturalmente, o *inconsciente social*” (Han,

¹⁵ Aqui ele faz referência ao slogan da campanha de Obama, já que o livro foi lançado em 2010.

2015, p.25). Compreendo, aqui, destas palavras de Han, o sentido de “natural” como fruto de um processo histórico de naturalização, pois, pensando com Foucault na *Microfísica do poder*, nada mais histórico, ou seja, nada mais pertencente a um contexto e relativo a contingências e a interesses de agentes pertencentes a tal contexto, do que um acontecimento, um argumento ou a motivação destes. Cito Han:

A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. *A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever*. Assim, o inconsciente social do dever troca de registro para o do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência (Han, 2015, p. 25).

Com isso, questionei-me, e trago para ser investigado a partir daqui, se seria possível pensar, tendo em mente algumas afirmações de Freud no texto “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908/1996), lido a partir da constituição do conceito de Supereu na obra de Freud, na década de 1920, que a sociedade descrita por Foucault se constituiria em torno de uma exigência de renúncia pulsional, a qual comporia a face sádica do Supereu ao interditar a satisfação, em prol de assemelhar o eu do sujeito a um ideal inconsciente estabelecido por ele, mas baseado em sua singular inserção no laço social, como garantia de ser amado. Enquanto isso, a sociedade descrita por Han estaria mais próxima da outra face do Supereu, a face relacionada ao imperativo de gozo, à qual Lacan tematizou ao longo de seu ensino.

Ou seja, tendo a pensar que, em analogia à passagem tratada por Han de um modelo de sociedade constituído predominantemente pela negatividade da proibição, que seria a sociedade disciplinar ou de controle, para a sociedade de desempenho, caracterizada pelo excesso de positividade; o laço social teria sofrido modificações implicadas com a passagem da ênfase na face interditora de satisfação do supereu para a face que impõe o gozo. Da mesma forma que o processo descrito por Han, não haveria somente descontinuidade entre uma e outra, mas coexistência das duas, onde uma predomina mais.

Quando Han (2015) faz referência a um “desejo de maximizar a produção” como estando incorporado ao que ele chama de “inconsciente social”, é possível pensarmos na natureza da instância superegoica, segundo Freud a descreve de forma mais completa em sua segunda tópica, mas que foi teorizada anteriormente a esta, por meio de noções como “ideal do eu”, na sua “Introdução ao narcisismo” (1914), ou de uma instância observadora e julgadora do psiquismo, em “Luto e melancolia” (1917).

Uma instância observadora e julgadora sobre as ações e pensamentos do próprio sujeito, que representa, na dinâmica psíquica deste, as normas sociais, conforme internalizadas por este no atravessamento do momento edípico. O julgamento exercido pelo Supereu tem por parâmetro o “ideal de eu” enquanto ideal com o

qual o eu do sujeito será medido, ao qual ele deve chegar a se equivaler, segundo determinados critérios estabelecidos como “produtos da identificação com as figuras parentais e seus representantes sociais” (Roudinesco; Plon, 1998). O objetivo de chegar a essa equivalência seria o de retornar a um momento primitivo da história do sujeito em que este se via onipotente e reinando soberano, munido da atenção e do amor incondicional das figuras parentais, sendo prontamente atendido em suas demandas e não sofrendo, ainda, ameaça de perda de amor ou de castração. Freud (2004) denominou este momento de “narcisismo primário”, onde caberia bem a expressão, usada por ele, “*Her majesty baby*” (Freud, 1914/2004, 1917/2006, 1920/2006, 1923/2007; Lacan, 1953-1954/2009). Com isso, “a combinação entre esse agente psíquico especial – censor – e o ideal do eu possibilitou a construção do conceito de supereu” (Daibert; Caldas, 2012). No entanto, cito aqui uma passagem do artigo “O imperativo de gozo do supereu e sua conexão com a demanda de amor insaciável das mulheres”, de Daniela Daibert e Heloisa Caldas:

O supereu só pôde ser nomeado como uma instância após a elaboração dos conceitos de pulsão de morte e compulsão à repetição, em 1920. O caráter feroz dessa instância só poderia ser trabalhado após o avanço da psicanálise na desvinculação entre satisfação pulsional e prazer. Ou seja, poderia haver satisfação no sofrimento. As impressões de Freud com a Primeira Guerra Mundial fizeram-no vivenciar a violência e o sofrimento humanos e dar lugar teórico à pulsão destrutiva e sua repetição. A partir do estudo dos sonhos traumáticos e da observação do movimento repetitivo de seu neto com o carretel, Freud começou a se questionar a respeito da compulsão à repetição e percebeu que algo vai além do princípio do prazer (Daibert; Caldas, 2012, pp.588-589).

Freud, no último capítulo de *O mal-estar na civilização* (1930/2010), infere a existência do que seria um Supereu cultural, que teria a mesma estrutura do Supereu individual, e atuaria segundo ideais instituídos coletivamente. Cito Freud:

A analogia entre o processo cultural e o desenvolvimento do indivíduo pode ser ampliada num aspecto importante [...] é lícito afirmar que também a comunidade forma um Supereu, sob cuja influência procede a evolução cultural. Pode ser uma tarefa atraente, para um conhecedor das culturas humanas, perseguir em detalhes essa analogia. Eu me limitarei a destacar alguns pontos: O Supereu de uma época cultural tem origem semelhante ao de um indivíduo, baseia-se na impressão que grandes personalidades-líderes deixaram, homens de avassaladora energia espiritual, ou nos quais uma das tendências humanas achou expressão mais forte e mais pura, e por isso também, com frequência mais unilateral (Freud, 1930/2010, p.75).

No volume 2 de sua trilogia *Fundamentos da psicanálise*, Marco Antonio Coutinho Jorge escreve sobre a clínica da fantasia e a entronização de certas fantasias em cada cultura, em detrimento de outras. As fantasias entronizadas têm estreita relação com a constituição dos ideais de cada uma. Com isso, tento perceber que

ideais e fantasias estão atuantes na cultura, considerando os processos históricos que se deram no século anterior e no atual. Fico por aqui nessa discussão inicial sobre como poderíamos pensar a natureza do Supereu em nossa época.

Referências bibliográficas

Daibert, Daniela; Caldas, Heloisa. “O imperativo de gozo do supereu e sua conexão com a demanda de amor insaciável das mulheres”. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v.XII, n.3-4, Fortaleza, 2012, pp.583-606.

Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Han, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Freud, Sigmund. “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” [1908]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), v.I*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. “À guisa de introdução ao narcisismo” [1914]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v.1*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. “Luto e melancolia” [1917]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v.2*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. “Além do princípio do prazer” [1920]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v.2*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. “O Eu e o Id” [1923]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente, v.3*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *Obras completas, v.18*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-1954]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



Fonte: <http://blog.wavecorporate.com.br/seguranca-e-produtividade-por-triagem-de-conteudo/>

“Da fantasia fundamental ao masoquista...”

Por: Cassia Amara de Azevedo

A partir das elaborações freudianas sobre o lugar das fantasias masoquistas infantis, elucidadas sobretudo no texto de 1919 intitulado “Bate-se numa criança” ou “Uma criança é espancada”, podemos constatar que estas fantasias operam inconscientemente e engendram a posição de objeto ocupada pelo sujeito frente ao Outro por quem se trata de ser amado.



E ainda, contemplando o estatuto de fantasia fundamental, cunhado por Lacan, no sentido mesmo de fundamento estruturante para a neurose e para a perversão, a proposta do presente trabalho é versar sobre o conceito de fantasia fundamental e o que tangenciaria as diferenças estruturais entre neurose e perversão. Ora, se o fundamento é masoquista, seja para a neurose, seja para a perversão, como, então, poderíamos pensar o que faz o perverso ser um perverso propriamente dito?

No texto já citado, Freud realiza importantes desdobramentos para a clínica psicanalítica, demonstra-nos que o “bate-se” diz de alguma coisa somática, no sentido mais abrangente possível, por exemplo: toca-se, olha-se, fala-se, cospe-se... etc. O “bate-se” é o paradigma da fantasia fundamental, mas cabe a cada sujeito a criação e a sustentação desse significante que virá do Outro e, tão logo o sujeito o apreenda, torna-se seu.

Estas fantasias são chamadas por Freud de “cicatriz do complexo de Édipo” (1919) e ganham, com Lacan, o estatuto de fantasia fundamental. Surgem para dar conta de uma realidade muito dura com a qual a criança se depara, a saber: a interdição do incesto representa a falta de completude do sujeito.

Faz-se oportuno falarmos, ainda que brevemente, sobre o complexo de Édipo. Em “Será o Édipo universal?”, Moustapha Safouan (1999) reitera a noção lacaniana de que é a mãe enquanto referida ao falo, portanto faltosa, quem permite uma imagem metafórica do mesmo (falo). E, assim, também promove a incidência da castração na relação entre ela e seu filho. Como resposta, ele nos diz: “O Édipo não é, no fundo, senão *uma forma cultural* entre outras, que são igualmente possíveis contanto que cumpram a mesma função, que é a *promoção da função da castração* no psiquismo” (Safouan, 1999, p.128, grifo do autor). E, ainda, ressalta que a relativização proposta por ele é material mesmo da psicanálise, pois a experiência psicanalítica se ocupa das “*condições que regem a estruturação do desejo e os tempos segundo os quais ela se ordena*” (Safouan, 1999, p.129, grifo do autor).

Em suma, o que o falo veicula ao desejo é sua própria estrutura metonímica, ou seja, a falta que pode movimentar. O que fica da aposta de Safouan na singularidade, no um a um, imprime o resgate do sujeito barrado. O sujeito do desejo, e todas as implicações que isto suscita, reinsere a dimensão metafórica que o mito de Édipo

introduz e nos (re)lança, enquanto analistas, na escuta advertida do nosso não saber. Ao mesmo tempo, o mito edípico reitera a importância da dimensão inconsciente presente na fala de cada sujeito. “Lá onde eu ‘sei’ que a mãe é castrada, eu não sei que isso é verdade. Vale dizer que lá onde isso é verdade, não há um eu [je] para sabê-lo” (Safouan, 1999, p.123).

O que de imediato nos remete ao mecanismo do perverso, que é a *Verleugnung*, onde saber e negar a castração são operações que coexistem. Tal mecanismo parece guardar íntima relação com os processos de funcionamento do próprio inconsciente. O que nos transporta para a delicada distinção entre o que é um mecanismo de defesa geral – “A cisão do Eu no processo de defesa” (1938) – e o que é o mecanismo da estruturação psíquica.

Paola Mieli (2013) contribui para distinção da cisão do Eu na neurose e na perversão. Partindo de Freud, a autora nos alerta que “a diferença é estrutural e topográfica” (p. 222). Nas palavras da autora:

[...] fetichismo não envolve uma cisão entre o Eu e o Isso, mas uma cisão, uma franca oposição do próprio eu em seu trato com a realidade [...] Ele sustenta tanto a ideia da universalidade do mecanismo da renegação quanto da especificidade estrutural diferente na qual a renegação ocorre [...] O que caracteriza o fetichismo é a renegação específica da diferença sexual (Mieli, 2013, p.223).

A fantasia fundamental obedece a três tempos lógicos que são descritos por Freud de trás para frente, tal como surgem na análise. O terceiro tempo é: “bate-se numa criança”, onde há uma dessubjetivação; é assim que o sujeito chega à análise. O segundo tempo é: “meu pai me bate”; este tempo diz respeito à fantasia masoquista inconsciente e recalcada que é, paradoxalmente, construída em análise e permanece inconsciente. E o primeiro tempo seria: “meu pai bate numa criança que eu odeio, ele ama só a mim”, o que denota o amor incestuoso e dá origem ao tempo masoquista. Freud ressalta que o sentimento de culpa vinculado ao desejo incestuoso é consciente, enquanto o desejo de punição permanece no inconsciente.

Freud nos demonstra que a fantasia de espancamento tem “propósito de satisfação autoerótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como traço primário de uma perversão” (1919/2006, p.195). Ressalta que o caráter de fixação nessa modalidade de satisfação pode resultar numa perversão na fase adulta. Destacar o traço primário que podemos conceber como a perversa-polimorfa, isto é, aquilo que pode ou não desembocar numa perversão, democratiza a posição masoquista constituinte do sujeito, seja ele perverso ou neurótico.

Na neurose, há a fantasia de completude amorosa, enquanto na perversão a fantasia é de completude de gozo; isto é, cada um está fixado em um dos polos do matema da fantasia (amor x gozo) $\$ \langle \rangle a$ (sujeito barrado – desejo – gozo). Como sustenta Marco Antonio Coutinho Jorge em *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*, no núcleo das fantasias de espancamento,

sejam elas neuróticas ou perversas, encontramos esta demanda de completude. Nas palavras do autor:

A percepção de que no núcleo das fantasias de espancamento há uma demanda de amor permite que se conceba melhor a proximidade entre neurose e perversão, evocada reiteradamente por Freud ao situar uma como o negativo da outra, diferentemente do que acreditavam alguns pós-freudianos, que concebiam a perversão como mais próxima da psicose, sendo dela, no fundo, uma verdadeira defesa. Assim, enquanto na psicose, como Lacan ponderou de maneira precisa, há “uma espécie de falha” no que concerne à realização do amor, na neurose esta surge de forma direta, e na perversão, de modo encoberto pelas fantasias de espancamento em que o gozo é dominante (Jorge, 2014, p.113).

Em “O problema econômico do masoquismo”, Freud (1924/2007, p.105) discorre sobre o fato de haver uma tendência masoquista nos seres humanos, algo que fere a lógica do princípio de prazer e, por isso, um “problema”, um enigma, por assim dizer: “Quando a dor e o desprazer deixam de ter a função habitual de alarmes e, ao contrário, passam a ser almejadadas, o princípio de prazer [*Lustprinzip*] fica totalmente fora de combate, ou seja, o guardião da nossa vida psíquica fica paralisado”. Em maior ou menor grau, a dor comparece como uma certa condição intrínseca ao prazer sexual do sujeito – e não estamos, no entanto, falando de um masoquista estruturalmente perverso. O que viabiliza tal assertiva é o fato de que toda essa dinâmica pulsional guarda forte relação com fantasias infantis de ser espancado e seus derivados, descritas também em “Uma criança é espancada” (Freud, 1919/2006).

O termo “masoquismo” deriva de Sacher Masoch, autor de *A Vênus das peles* (1870/2015), e foi cunhado por Krafft-Ebing para dar origem à categoria psiquiátrica que indicava o prazer no sofrimento (Ferraz, 2015, p.9).

No romance, o personagem principal, Severin, submete-se a todos os tipos de maus-tratos (pedidos por ele mesmo) realizados por Wanda, mulher eleita a uma espécie de algoz manipulado que podia fazer qualquer coisa com ele – qualquer coisa mesmo, inclusive matá-lo; a única proibição era que Wanda o deixasse. Destacamos esse brevíssimo resumo para indicar a atividade que encontramos no masoquista: trata-se da atividade mesmo da pulsão de morte na clave da compulsão à repetição.

Em 1924, Freud define três tipos de masoquismo. O originário (ou erógeno) é “o prazer-derivado-da-dor” (Freud, 1924/2007, p.107); este está mais diretamente ligado à pulsão de morte e ela, por sua vez, não deve ser concebida de outra maneira que não seja amalgamada com a pulsão de vida (libido). O primeiro tipo tem caráter universal e funda os outros dois: o masoquismo feminino e o masoquismo moral.

Ao abordar o masoquismo feminino, Freud o faz a partir de fantasias de alguns analisandos homens. Descreve proposições que se aproximam muitíssimo das fantasias masoquistas infantis: “o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má”. A

posição diz respeito eminentemente a “ser castrado, ser objeto de coito ou dar à luz” (Freud, 1924/2007, p.108).

É importante destacar o passo dado por Freud em sua teoria das pulsões, que ele empreende nesse momento de sua obra:

[...] a pulsão de morte atuante no organismo – o sadismo original – seria idêntica ao masoquismo. Diríamos, então, que após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito, isto é, o masoquismo erógeno. Este, por um lado, teria, então, tornado-se um componente da libido, e, por outro, tomaria o como objeto o próprio organismo (1924/2007, p.110).

O masoquismo moral difere das formas anteriores de masoquismo por prescindir que o agente do sofrimento seja uma pessoa amada. Freud ressalta que “a pulsão de destruição foi novamente redirecionada para dentro e atua violentamente contra o próprio Si-mesmo [*Selbst*]” (1924/2007, p.111). O masoquismo moral se caracteriza também por um sentimento de culpa e necessidade “inconsciente”¹⁶. A severidade com que se apresenta como imperativo só nos demonstra tratar-se da instância superegoica.

Em “O Eu e o Id”, Freud (1923/2007) demonstra como o Supereu está enraizado no Isso (pulsional); daí reside seu lugar paradoxal de instância moral e imperativo categórico de gozo, tendo como base a pulsão de morte, donde o Supereu seria um destino civilizado para ela (Freud, 1930[1929]/2006). A pulsão de morte almeja o gozo absoluto. O Supereu acaba por ocupar um lugar paradoxal na dinâmica psíquica. Freud escreve:

[...] o Supra-Eu¹⁷ não é apenas um resíduo das escolhas objetais do Id; ele representa também uma enérgica formação reativa contra essas escolhas. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Você *deve* ser assim (como seu pai)”, mas engloba também a proibição: “Você *não pode* ser assim (como seu pai); isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz, algumas coisas permanecem prerrogativa dele.” Essa dupla face do Ideal-do-Eu

¹⁶ Uma nota de James Strachey, editor da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, indica que sensações não podem ser caracterizadas como inconscientes.

¹⁷ A versão traduzida do texto freudiano que adotamos utiliza Supra-Eu, com a justificativa de que há um equívoco na compreensão de que o Supereu é um “ego muito poderoso” ou “mais poderoso que o ego”. Nas palavras do editor: “Esperamos que, com o tempo, o uso dos termos ‘Eu’, ‘Supra-Eu’ e ‘Id’ permita ao leitor perceber a centralidade vivencial do pronome ‘eu’ contido na instância ‘o Eu’, visualizar a espacialidade enfatizada pelo termo ‘Supra-Eu’ (um Eu que paira acima) e eternamente estranhar o arcaísmo e solenidade evocada pelo ‘o Id’, recuperando, assim, ao menos em parte, o estilo freudiano de lidar conotativamente com os conceitos” (Hanns, 2006, p.25). As leituras da obra de Freud também são cotejadas com as publicações da editora Amorrortu. Logo, privilegiamos o termo “pulsão” ao invés de “instinto”, “recalque” ao invés de “repressão”, “eu” ao invés de “ego”, “isso” ao invés de “id” e “supereu” ao invés de “superego”.

deriva do fato de ele ter sido mobilizado para ajudar no processo de recalque do complexo de Édipo (Freud, 1923/2007, p.44, grifos do autor).

A fantasia fundamental enquanto masoquista está inserida na dimensão da perversão por justamente ser a subversão da falta. Em outras palavras, frente ao desamparo, ou, como nos diz Lacan, “ante a presença primitiva do desejo do Outro como obscuro e opaco, o sujeito encontra-se sem recursos” (Lacan, 1958-1959, p. 27). E a fantasia tem como função “dar ao desejo seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia” (p. 28). Sendo a essência da fantasia masoquista, nas palavras de Lacan, “a representação que o sujeito tem de uma série de experiências imaginadas que seguem em declive, cuja vertente, borda, limite, consiste essencialmente no fato de que é anulado em qualquer espécie de possibilidade ansiante de se perceber como autônomo” (Lacan, 1958-1959/2016, p.141). O sujeito se apaga, se desvanece e desaparece por trás de um significante. Cabe, então, concebermos a noção de que a fantasia engendra uma posição marcada por estes significantes que, para além de um possível julgamento moral – sobretudo porque em psicanálise a visada é a ética da diferença –, são verdadeiras conquistas do sujeito. Conquistas ou construções que apaziguam e também aprisionam por moldarem este verdadeiro caldeirão de impossibilidades com que se depara, a todo momento, o ser falante. Em outras palavras, a fantasia abriga o Real – aquilo que se repete e visa ao mais-de-gozar e à pulsão de morte – e articula também os outros dois registros, Simbólico e Imaginário, fazendo, portanto, uma chancela para o gozo.

Poderíamos aproximar o masoquismo enquanto fundante da noção de amparo – é o que propõe Birman (2005) no capítulo intitulado “A sustentável leveza do psicanalista: variações sobre o desamparo e a feminilidade”. Segundo o autor – e como podemos verificar em alguns casos na prática clínica –, anterior ao ancoramento na submissão e tortura, o que caracteriza sua subjetividade é a ideia de se amparar em algo que é oposto à angústia. Há aí alguma garantia, garantia de gozo. É uma renúncia à posição de sujeito barrado, logo, desejante; o sujeito se oferece como objeto do Outro.

Se pudermos considerar algum avanço nas questões disparadoras da presente exposição, para concluir, poderíamos sintetizar que a fantasia fundamental é masoquista na neurose e na perversão por se caracterizar como tributária da perversão-polimorfa, e perverte por subverter a falta, ali onde há o vazio, instaurando-se uma ancoragem Simbólica e também Imaginária que guarda toda relação com os significantes da história do sujeito. E, talvez, a diferença do masoquista perverso para o neurótico seja a de que o perverso se sabe objeto (instrumento de gozo do Outro), enquanto o neurótico, devido à operação do recalque, permanece sem acesso a isso que veicula inconscientemente suas escolhas e o relança à posição de objeto. É interessante ressaltar que a proposta da psicanálise não é a de abolir esta ou aquela posição masoquista, mas se trata da aposta de que o sujeito possa se reconhecer naquilo mesmo de que se queixa e, por vezes, repete. O analista, enquanto praticante

da função simbólica, pode permitir que, em análise, o sujeito tenha acesso e se permita circular pelos significantes, para povoá-los de sentido e, sobretudo, esvaziá-los para, assim, reapropriar-se de seu gozo.

Referências bibliográficas

Birman, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Ferraz, Flávio. Introdução. In: Masoch, Sacher. *A Vênus das peles*. São Paulo: Hedra, 2015, pp.7-18.

Freud, Sigmund. “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” [1919]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.X. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.221-253.

_____. “O Eu e o Id” [1923]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v.3: *obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, pp.13-92.

_____. “O problema econômico do masoquismo” [1924] In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v.3: *obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, pp.103-124.

_____. “A cisão do Eu no processo de defesa” [1940 (1938)]. In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v.3: *obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, pp.171-180.

_____. “O mal-estar na civilização” [1930(1929)]. In: _____. *ESB*, v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.67-148

Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-1959]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Masoch, Sacher. *A Vênus das peles [1870]*. São Paulo: Hedra, 2015.

Mieli, Paola. “Uma nota sobre a diferenciação estrutural freudiana entre neurose e perversão”. In: Quinet, Antonio; Jorge, Marco Antonio Coutinho. (Orgs.). *As homossexualidades na psicanálise – na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013, pp.217-228.

Safouan, Moustapha. “Será o Édipo universal?”. In: _____. *Estudos sobre o Édipo: introdução a uma teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, pp.120-130.



O que esperar de uma análise?

Por: Juliana de Moraes Leal Vaz¹⁸

“A experiência analítica visa o despertar.
Despertar do sono no qual o sujeito
se achava mergulhado e que dava
algum sentido à sua vida”¹⁹
(Marco Antonio Coutinho Jorge).



O presente estudo tem como objetivo discorrer sobre o percurso de uma análise no que diz respeito à clínica da neurose. O que leva o sujeito a buscar o psicanalista, para onde a escuta desse analista está direcionada, o que se investiga através da associação livre? Quais as saídas possíveis para as pulsões depois de uma análise?

O ser humano, ao nascer, é mergulhado na linguagem, ou seja, o sujeito é convidado a advir pelo desejo do Outro (Outro enquanto tesouro de significantes, como nos diz Lacan). Pela linguagem, a criança é inserida no mundo humano e simultaneamente isso faz com que ela perca o acesso direto ao real: “há, portanto, no próprio advento do sujeito uma radical alienação, tão radical que parece ter o status de uma via de mão única em sua existência” (Jorge, 2010, p.223).

A sexualidade do ser falante o coloca numa lógica radicalmente diferente da dos instintos, é a lógica da pulsão. Pulsão essa que não tem objeto definido, é uma força endógena que se manifesta de forma constante na busca por satisfação. Nas palavras de Lacan: “a pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (Lacan, 1964, p.173).

Na tentativa de responder a esse desejo do Outro (*Che vuoi?*), cada um constrói sua fantasia inconsciente. Esta vem a ser o axioma de base da estrutura psíquica, um modo singular de fazer frente ao Real, o não-saber inerente à diferença sexual. A partir dessa fantasia, o sujeito passa a se relacionar com o outro, com o mundo. Ela é a tentativa de preencher a falta-a-ser inerente à estrutura subjetiva.

Recorremos à fantasia na tentativa de apaziguar a demanda insistente da pulsão por satisfação, porém a insatisfação sempre persistirá, pois o objeto que a satisfaria não existe, está perdido desde sempre. Nessa insistência da pulsão por satisfação é produzido o sintoma, uma forma de gozo na neurose, maneira pela qual o pulsional recalçado retorna.

¹⁸ Psicanalista em formação no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, pós-graduada em Psicologia Hospitalar e da Saúde (CESANTA – Centro de Pós-Graduação da Santa Casa do Rio de Janeiro), graduada em Psicologia (Universidade Santa Úrsula). E-mail: jumleal@yahoo.com.br.

¹⁹ Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.223.

E é geralmente por essa via que o sujeito chega à análise: “a entrada na análise se dá pela via do sintoma e a análise do sintoma revela sempre, como nos mostrou Freud, a fantasia a ele subjacente” (Jorge, 2010, p.70).

O sintoma é o caminho por excelência onde o recalado retorna, ele se repete na transferência. Ele anula a renúncia ao ato masturbatório e restabelece a satisfação sexual original, por isso é fonte de sofrimento e gozo.

Freud nos aponta que as fantasias podem ser inconscientes ou conscientes (devaneios) e quando essas se tornam inconscientes podem vir a ser patogênicas, ou seja, se mostram como sintomas e ataques. Os sintomas histéricos nada mais são que fantasias inconscientes modificadas pela conversão. “O sintoma emerge como um derivado múltiplas vezes distorcido da realização de desejo libidinal inconsciente, uma peça de ambiguidade engenhosamente escolhida, com dois significados em completa contradição mútua” (Freud, 1916-1917/2006, p.363).

O sintoma introduz uma problemática terapêutica, podemos falar de levantamento e desaparecimento do sintoma, enquanto que sobre a fantasia falamos de travessia. Os sintomas são interpretáveis, pois aparecem como enigmas, já a fantasia é construída. Um sujeito acometido por sintomas chega ao consultório do analista com muito o que reclamar desse estranho que o habita: “agarramo-nos à fantasia com tanta intensidade que a tornamos o reduto mais importante de nossa vida e passamos a produzir uma série de ‘sintomas’, que consistem na perpetuação constante da nossa relação com a fantasia” (Jorge, 2010, p.85). Pela ancoragem na fantasia, o sujeito pode fazer do sintoma o que ele tem de mais real. Fala-se muito do sintoma, “mas, sobre a fantasia, nada. Boca de siri. Sem palavras” (Miller, 1987, p.101).

A fantasia é o que o sujeito tem de mais secreto e ao mesmo tempo se pode observar nas atitudes cotidianas. O neurótico tem vergonha de sua fantasia porque ela está em contradição com valores morais. O conteúdo fantasístico não está em harmonia com o conteúdo da neurose. Diz Freud que ela tem uma conexão importante com a vida sexual do sujeito.

O interesse do psicanalista é logo transferido dos sintomas para as fantasias que lhe deram origem: “a técnica da psicanálise nos permite em primeiro lugar inferir dos sintomas o que essas fantasias inconscientes são, e então torná-las conscientes para o paciente” (Freud, 1908, p.151). Como aponta Marlise D’Icarahy (2015), a bússola da escuta analítica é atenta à fantasia.

A fantasia é a matriz psíquica que mediatiza o encontro do sujeito com o real, “uma matriz simbólico-imaginária que permite ao sujeito fazer face ao real do gozo”. (Jorge, 2010, p.77) Vemos com Lacan que a fantasia fundamental funciona como uma espécie de prisão domiciliar, nela o sujeito desfruta de uma tranquilidade quase inerte, rodeado dos seus objetos familiares. Ela entra em cena como efeito da operação simbólica do recalque originário. Na psicose, como há falha nessa operação, o delírio funciona como uma tentativa de restabelecimento, é o meio que o psicótico encontra para não ser engolido pela pulsão de morte que opera sem freio devido à não entronização da fantasia. O delírio é uma forma de defesa contra o não-senso

avassalador do real. Já na perversão, o sujeito põe o gozo em ato. Diz-se que a matriz da fantasia é perversa, no sentido mesmo de subverter a falta. Em certa medida, o perverso realiza o que o neurótico deseja. A relação do perverso com o objeto *a* é fixada, diferente da possível plasticidade que podemos encontrar na neurose.

A fantasia é uma tentativa de resgatar a completude supostamente perdida. Ela é constituída em torno de dois polos, amor e gozo. Na neurose, busca-se a completude pela via do amor, já na perversão trata-se da completude pela via do gozo. Ela nos é outorgada pelo Outro para fazer frente ao real e constitui a realidade psíquica. O recalque originário instaura a fantasia e faz com que o gozo, antes ilimitado, possa ser escoado pelos orifícios corporais; o gozo passa a ser fálico, ou seja, gozo articulado à linguagem. A fantasia funciona como um filtro que indica o que falta: sujeito barrado numa relação de desejo com o objeto *a*, objeto faltoso. A fantasia funciona freando o empuxo-ao-gozo da pulsão de morte que quer se satisfazer a qualquer preço e transforma parte dela em pulsão sexual.

A função da fantasia é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia (Lacan, 1958-1959/2016, p.28).

O desejo é sustentado pela fantasia, ou seja, o desejo presentifica a falta e a fantasia diz o que falta, funciona como um escudo para o real.

Se o desejo é, em sua essência, da ordem da falta, a fantasia é a estrutura que enquadra, emoldura essa falta num certo limite, numa certa “janela para o real”. Se o desejo é a falta enquanto tal, a fantasia é o que sustenta essa falta radical ao mesmo tempo em que indica ilusoriamente “o que falta”. Há falta, diz o desejo. É isso que falta, diz a fantasia (Jorge, 2010, p. 240).

Freud inventa a psicanálise quando observa em seus pacientes a íntima ligação existente entre os sintomas e os desejos inconscientes, propõe o desrecalcamento através da fala e constrói a teoria da fantasia e aponta sua travessia. A psicanálise vem a ser esse método investigativo do inconsciente que leva o sujeito à possibilidade de um novo posicionamento na vida. Nas palavras de Miller, o que se busca no fim de análise é “uma certa modificação na posição subjetiva na fantasia fundamental” (Miller, 1987, p.111).

Lacan fala da experiência psicanalítica como a experiência do despertar, despertar do sono da fantasia, em outras palavras, a psicanálise funciona para tirar o sujeito do estado de hipnose em que ele se encontra diante do Outro. Através da associação livre, o analisante caminha rumo à revelação da fantasia e, por isso, a escuta do analista vai além dos sintomas.

A psicanálise visa destituir o sujeito dos ancoramentos simbólicos e imaginários, restituindo-lhe o acesso ao real, retomando a estrada de mão dupla de acesso para o real.

Pela análise, o sujeito é apresentado a novas maneiras de lidar com a pulsão. Essa exige satisfação a todo tempo e a análise não muda isso, mas muda o modo como o sujeito pode lidar com ela sem a ação imperiosa do recalque. Com o desrecalcamento proporcionado pela análise, o sujeito é apresentado a três novas formas de lidar com a pulsão: sublimação, satisfação direta e juízo de condenação.

Nas palavras de Coutinho Jorge:

A sublimação [...] surge como uma das possibilidades para o sujeito lidar com as moções pulsionais que sofreram desrecalcamento, mas não é a única. Há a possibilidade de o sujeito optar pela satisfação direta de suas pulsões e, ainda – outra possibilidade que se abre quando o desrecalcamento se deu –, de proferir um juízo de condenação quanto a elas, isto é, dizer “não” conscientemente a determinadas exigências pulsionais sem que sofra o “não” que o recalque sempre lhes imprimiu conscientemente (Jorge, 2017, p.81).

Ele apresenta em três verbos as saídas para as pulsões após o trabalho de análise: amar, trabalhar e deliberar. O amor como aquele que visa preservar a espécie, que traz a compensação diante do que falta, diz Freud: “devemos começar a amar a fim de não adoecermos” (Freud, 1914/2006, p.92). O trabalho é uma outra maneira que o sujeito tem de obter prazer na vida. Freud afirma que pessoas com boa saúde mental são capazes de amar e trabalhar. A deliberação representa a parcela de liberdade que o sujeito conquistou em sua análise para encarar a pulsão sem estar refém dela; é uma operação simbólica. Em contraponto à deliberação, temos a satisfação direta; esta se apresenta como o “sim” que se pode dar a pulsão, que incide sobre o real do corpo e consente com o gozo.

Submeter-se a uma análise é se dispor a atravessar a fantasia, ou seja, a abrir mão da ideia de completude proposta por ela e articular melhor a relação com a falta. O mais importante da travessia da fantasia é que o sujeito tenha acesso à dimensão do desejo.

A psicanálise propõe um mais além do bem-estar e isso a coloca na contramão do discurso social. Miller fala da subversão do analista, na medida em que ele aponta para além do bem-estar: “São sempre inocentes os que entram em análise. O que equivale dizer que culpado é o analista. Os que entram são inocentes porque não sabem que o verdadeiro final de análise é uma destituição subjetiva” (Miller, 1987, p.99).

Esse trabalho foi causado por um dos seminários do Marco Antonio Coutinho Jorge no início do ano de 2017. Nessa ocasião, ele trouxe para nós reflexões sobre “amar, trabalhar e deliberar”. Saí daquele encontro como se tivesse saído de uma sessão de análise. Foi tão intenso que nem fiz anotações, uma pena, teria me ajudado agora, porém como o que se aprende em transferência não se esquece, me sinto

autorizada a transmiti-lo. A partir daquele encontro, fiquei ainda mais alarmada para a eficácia da psicanálise. Chamou-me a atenção o conceito de deliberação. Marco dava um exemplo: “Se almocei feijoada, vou jantar uma canja”. Quanta coisa implicada aí, poder dar um não consciente à pulsão desrecalcada é de uma liberdade entusiasmante. Não mais ser um refém desavisado da pulsão avassaladora, poder abrir mão de alguns sintomas paralisantes, aprender a escolher e a se responsabilizar pela feijoada do almoço e a canja do jantar, fazer da falta movimento desejante produtivo, aprender a amar melhor... Atravessar a fantasia que nos protege do real! Despertar, sair do conformismo chato dos sintomas, dispor-se a se despir dos ancoramentos simbólicos e imaginários na estrada rumo ao real.

Muito mais que esperar, trata-se de uma aposta. Uma aposta alta e que, na minha experiência tanto de analisante como de analista, tem sido comprovada eficazmente.

Referências bibliográficas

- D'Icarahy, Marlise Eugenie. A fantasia fundamental e seus efeitos na sexualidade feminina = Le fantasme et ses effets sur la sexualité féminine. Tese de Doutorado em Psicanálise apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<http://www.pgpsa.uerj.br/wp-content/uploads/2017/07/Tese-NORMALIZADA-para-usar-possivelmente-na-UERJ-com-pgs-iniciais-em-frances-preenchidas.docx-160-fhs.pdf>>.
- Freud, Sigmund. “Algumas observações gerais sobre ataques histéricos” [1909 (1908)]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. “Escritores criativos e devaneios” [1908 (1907)]. In: _____. *ESB*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade” [1908]. In: _____. *ESB*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. “Sobre o narcisismo: uma introdução” [1914]. In: _____. *ESB*, v.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. “Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)” [1917(1916)]. In: _____. *ESB*, v.XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. *Fundamentos da Psicanálise, de Freud a Lacan – volume 3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* [1958-1959]. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- Miller, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Walt Elias Disney e a construção do mundo da fantasia

Por: Renata Motta Vasconcellos²⁰



Walter Elias Disney

“E sua fantasia é uma expressão de um lamento pelos dias felizes que se foram”.
(Sigmund Freud)

O presente trabalho objetiva realizar uma articulação entre a infância, vida e obra de Walter Elias Disney com o saber da psicanálise. Busca ainda elucidar, à luz do tema principal do nosso encontro, como os traços da infância puderam estruturar a vida do sujeito. Para Marco Antonio Coutinho Jorge, a fantasia é uma espécie de matriz psíquica que funciona mediando o encontro do sujeito com o Real.

Ressalto que não pretendo entrar da discussão do impacto da obra de Disney na nossa vida cotidiana, mas focar nos traços traumáticos da sua infância, na ausência do amor do pai, de como passado, presente e futuro se entrelaçam na vida do sujeito e de como a fantasia fez a mediação do sujeito com o Real.

Walter Elias Disney nasceu em 5 de dezembro de 1901, em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. Passou a maior parte da sua infância em uma fazenda em Marceline, Missouri. Ele se lembraria da fazenda mais vividamente do que qualquer outra coisa da sua infância, talvez mais que qualquer outro lugar em toda a sua vida. Também viveu em Chicago e Kansas City.

Seu pai, Elias Disney, era um homem muito severo, um fiel fervoroso, acreditava andar por um caminho reto, abstendo-se de fumar, beber, praguejar e ir à festas. Mantinha suas emoções sob aparente controle perante a sociedade. Sua mãe, Flora Call Disney, era professora e vinha de uma família de intelectuais. Sabe-se que era companheira fiel ao marido e amorosa com os filhos. Walt era o quarto filho do casal, que já tinha Herbert (com 13 anos), Ray (11) e Roy (8); Ruth nasceu quando Walt tinha 2 anos. Os irmãos mais velhos já trabalhavam e Walt encontrou nos animais da fazenda seus melhores amigos: uma relação que fez suplência a sua angústia e desamparo.



Elias Disney e Flora Call Disney,
pais de Walt Disney

²⁰ Psicanalista em formação no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro. Membro da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e Profissões Afins. E-mail: renata@renatamotta.com.br.

Passava a maior parte dos dias junto aos animais: ratos, coelhos, porcos, vacas, cavalos e outros. Batizava cada um com um nome próprio e contava para eles suas histórias e seus sonhos. Roy era seu irmão mais próximo e o levava para andar de trem, o que ele adorava.

Walt entrou tarde na escola aos 7 anos, pois não havia ninguém para levá-lo, e quando sua irmã mais nova já estava quase na idade de frequentar a escola, seu pai decidiu que ele poderia esperar mais para acompanhá-la. Em uma entrevista, já adulto, Walt disse que isso era a coisa mais embaraçosa que poderia acontecer a um sujeito.

Nesse mesmo tempo, conheceu seus vizinhos: um médico aposentado e sua esposa; como ele e a esposa não tiveram filhos, passavam muito tempo com Walt. Um dia, o médico pediu que Walt desenhasse seu cavalo, sendo esse seu primeiro desenho “profissional”. O casal comprou o desenho e o emoldurou, para deleite do pequeno desenhista. A partir desse momento, ele desenvolveu a habilidade de desenhar seus amigos, os animais da fazenda. Marceline foi sem dúvida onde Walt forjou sua fantasia.

Freud em “Escritores criativos e seus devaneios”, texto de 1908, questiona se deveríamos buscar na infância os primeiros traços de nossas atividades imaginativas. Ele nos revela que a criança, quando brinca, constitui seu mundo de fantasia, e que o mesmo é seriamente relevante para ela, onde ela investe grande parte de sua libido, mesmo mantendo a distinção entre esse mundo criado e o real.

A amizade entre Walt e o médico durou pouco, pois sua família se mudou para o Kansas. Walt estava com oito anos quando o pai o colocou para trabalhar junto com o irmão Roy entregando jornais. Às 3h30 da manhã começava o trabalho: entregar cinquenta exemplares nas portas das casas, pois seu pai não permitia que os jornais fossem jogados no quintal. Ele retornava para casa às 5h30, reabastecia sua sacola e ia vender alguns exemplares no bonde. Trabalhava também como entregador da farmácia e, durante as férias escolares, começou a trabalhar em uma loja de doces para tentar juntar dinheiro escondido de seu pai, mas seu pai descobriu e ficou com todo o seu dinheiro. Nessa mesma época, Walt descobriu que não tinha certidão de nascimento, que seu irmão Ray tinha recebido o nome de Walter em sua certidão e que só depois a família tinha mudado de ideia, batizando-o como Ray. Diante dessa descoberta, o pequeno Walt acreditou ser filho adotivo dos Disney e que isso seria o principal motivo da ira do pai contra ele.

Foram seis anos nessa rotina, que o traumatizaram e o assombraram: a jornada inflexível, a neve, a fadiga, a falta de repouso eram extremos para uma criança. Com 49 anos em uma entrevista, disse que, nos dias de muito frio, seus calçados e roupas não eram próprios para a neve e ele se enrolava nos jornais para suportar a jornada. Após 40 anos, ainda acordava suado dos pesadelos, sonhava que esquecia o jornal de algum cliente e o pai o estava vigiando na esquina. “Meu pai me fazia faltar à escola para cumprir toda a rotina de trabalho. Ele era distante, teimoso, violento, mal falava comigo, um homem duro e difícil. Ele nos dava surra por impulso e não se podia discutir com ele sem desafiar sua ira. Além disso, eu não tinha uma hora que pudesse

brincar. Qualquer folga para brincadeiras era roubada das entregas de jornais. Às vezes eu me divertia com os brinquedos encontrados nas varandas das casas, mas depois, eu os deixava exatamente no local em que havia encontrado”.

Elias batia no filho com o lado da lâmina do serrote, com o cabo do machado ou qualquer coisa que pudesse machucá-lo. Walt não contava nada para a mãe, pois dizia que ela contava tudo para o pai.

Na escola não tinha bom rendimento, dormia nas aulas e, quando estava acordado, vivia sonhando; era considerado isolado em seu próprio mundo. Seus devaneios proporcionavam uma fuga de seus problemas, assim como os desenhos, que se tornavam cada vez mais presentes. Ele nunca parou de desenhar. Podemos pensar que a fantasia na vida de Walt o salvou. Veremos que, mesmo quando obrigado a renunciar a sua infância precocemente, ele sempre fantasiava.

Conforme Freud (1909[1908]/1998) escreve:

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham ao brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na verdade nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa pela outra.

No início da década de 1920, Walt produziu seus primeiros desenhos animados, e com estes realizara seu desejo infantil: seus animais, amigos de infância, ganham nome e vida. Seu primeiro personagem de sucesso era o coelho Oswald, que tinha expressões humanas, cantava, dançava e falava. Em seguida, o famoso Mickey Mouse, um rato com as mesmas características de Oswald. Seus filmes eram repletos de animais e, mesmo depois que entram em cena personagens humanos, os mesmos mantêm relações estreitas e de afeto com eles.

Seu filme e trilha sonora preferidos são os de Pinóquio (1940), uma adaptação do romance escrito pelo Italiano Carlo Collodi em 1881. Bob Gurr, que trabalhou a vida toda com Walt, disse em uma entrevista, durante as pesquisas sobre Pinóquio, que “Walt buscava inspiração em seu próprio interior, era um forasteiro buscando aceitação, seus filmes tinham heróis amadurecendo e desafiando a autoridade, tentação, perda, redenção e sobrevivência”. A música-tema de Pinóquio, “*When you wish upon a star*”, tornou-se um hino na sua vida e na história das suas empresas.



Walt Disney durante o desenvolvimento de Pinóquio

Em Pinóquio, ele revisava a história, editando e se perguntando sobre a essência dela: do que ela tratava? Para ele, Pinóquio é o que significa ser humano, é sobre como você precisa alcançar a humanidade, pois você deve merecê-la. A história foi tão adaptada que Walt criou outra história. Pinóquio é alguém que está buscando a própria identidade; qualquer imprudência sua pode significar a morte de seu pai adotivo ou sua transformação em um burro; ele enfrenta vários riscos à procura de um lar; busca o milagre de transformar seu corpo ventríloquo de madeira, seu corpo despedaçado, em um menino de verdade. Ele precisa ser um menino corajoso, verdadeiro e altruísta para conquistar isso. No filme, Pinóquio diz a seu pai: “Estou vivo! Está vendo? Sou um menino de verdade!”. Penso se não era sua própria vida que Walt queria recriar através de Pinóquio.

De fato, ele refaz sua vida. Casou-se com Lillian Bounds e tiveram duas filhas: Diane (biológica) e Sharon (adotiva). Foram casados por 41 anos. Lillian declarou: “Nós compartilhávamos uma vida maravilhosa, emocionante, e amamos cada minuto disso. Ele foi um marido maravilhoso, um pai e avô maravilhoso e alegre”.

Quando suas filhas eram pequenas, ele queria levá-las a lugares onde elas se divertissem. Eles iam a pracinhas e festivais, mas ele achava os lugares imundos. Um dia, sentado na praça, foi tomado por uma lembrança de sua infância e teve uma ideia que foi se tornando cada vez maior. Ele tinha uma visão específica em mente.

Podemos destacar como a relação entre o tempo e a fantasia são importantes. Freud nos diz que é como se ela flutuasse entre três tempos. No momento em que vive o Real com suas filhas no banco da praça, Walt vincula a impressão atual ao desejo de um lugar melhor para que ele e suas filhas pudessem brincar, ou seja, a uma força motivadora, que o remete de volta às suas lembranças de Marceline e do único momento de uma infância feliz. Aqui, ele cria a fantasia da construção de um mundo ideal, onde encontraria um lugar onde o brincar fosse permitido. É como se, pelo fio do desejo, se formasse uma trança que mantém unidos passado, presente e futuro.

Freud (1909[1908]/1998) nos diz: “Nessa fantasia, o sonhador reconquista o que possui em sua feliz infância, o lar protetor, o amor dos pais e os primeiros objetos do seu afeto”. Mostra como o desejo utiliza uma ocasião no presente para construir, segundo os moldes do passado, um quadro do futuro.



Walt Disney durante as gravações de Mickey Mouse



Walt Disney e sua esposa Lillian Bounds

Mas Walt levou um tempo para colocar essa ideia em prática. Antes disso, como uma espécie de ensaio, de um tempo de elaboração, construiu em sua casa uma ferrovia, uma locomotiva em miniatura, e uma réplica do celeiro que seu pai tinha na fazenda em Marceline.

A locomotiva foi toda construída por ele e dava voltas por toda a sua casa. Era comum encontrar Walt sentado em cima dela com boné de maquinista e uma camisa quadriculada. Ele disse certa vez: “Comprei para mim um presente de natal, algo que quis durante toda a minha vida: um trem elétrico”.

Quando seu amigo Salvador Dalí foi visitá-lo, percebeu a grandiosidade e a visão de Walt e entendeu que o amigo estava buscando um ideal. Dalí ficou perplexo com a ambição dele e, como o pontapé que faltava, o surrealista disse para Walt que tal perfeição não era própria para miniaturas. Acho que esse encontro com Dalí foi para ele a validação para a construção do seu mundo ideal. Esse ideal era a Disneylândia.

Cito Freud (1909[1908]/1998): “As forças motivadoras da fantasia são os desejos insatisfeitos e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção de uma realidade insatisfatória”.

Aquele era um mundo que ele podia controlar, recriar até os mínimos detalhes. Há referências a Marceline por todo o parque. Ele queria um lugar ao qual as famílias pudessem ir para se divertir. Ao final de 1952, os planos estavam completos. Ele construiu um mundo de faz-de-contas e fez de tudo para que o Real não invadissem aquele espaço.



Walt Disney e Salvador Dalí

Certa vez, andando pela área do futuro parque, Disney viu um funcionário que trabalhava na área do velho oeste vestido de caubói passando pela área do futuro. Ele ficou enfurecido, brigou com todos e gritava: “Não existem cowboys no futuro!”. Quando projetou seus parques de Orlando, criou passagens subterrâneas para que isso nunca mais acontecesse.

Para Lacan, a fantasia é o lugar onde o sujeito se instaura e pode fixar seu desejo. Disney realiza isso: cria um mundo para encontrar-se confortavelmente instalado, cercado de objetos investidos por sua libido e seus amigos que são tão familiares.

Ele morreu de câncer em 1966, antes da construção dos parques em Orlando. Em sua última noite esteve com seu irmão Roy, que mais tarde contou que Walt passou a noite toda explicando como deveria ser o Epcot, seu parque futurista: “A última coisa que ele fez foi desenhar imaginariamente com o dedo no teto do hospital como deveriam ser os detalhes do parque”. Finalizo com uma de suas frases mais famosas: “Um dia, aprendi que os sonhos existem para se tornarem realidade. E, desde aquele dia, já não durmo para descansar, durmo para sonhar”.



Walt Disney e suas filhas Diane e Sharon
na Disneylândia

Referências bibliográficas

Gabler, Neal. *Walt Disney: o triunfo da imaginação Americana*. 2. ed. Barueri: Novo Século, 2016.

Jorge, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 2: a clínica da Fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Freud, Sigmund. “Escritores criativos e seus devaneios” [1908(1907)]. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

_____. “Romances familiares” [1909(1908)]. In: _____. *ESB*, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1998.



Walt Disney World (Orlando, Florida)

4) Experiências de estudo e trabalho



Lispector
CELEBRAR CLARICE LISPECTOR

09 | 12 | 2017 Auditório do Corpo Freudiano (RJ) | www.lispector.com

PROGRAMAÇÃO

9:15 - 10:00 | **Abertura do evento**

10:00 - 12:00 | **Mesa 01**

Evando Nascimento: "Clarice e as plantas: uma literatura pensante"

Luciana Brandão: "Um girassol chamado Lispector"

William Amorim: "O amor em Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres"

13:30 - 15:30 | **Mesa 02**

Carlos Eduardo Leal: "Sobre a transitoriedade em Clarice Lispector"

Sônia Leite: "A paixão segundo GH e o amor sem limites"

Felipe Castelo Branco: "O silêncio e o sopro: Sobre a morte em Clarice Lispector"

16:00 - 18:00 | **Mesa 03**

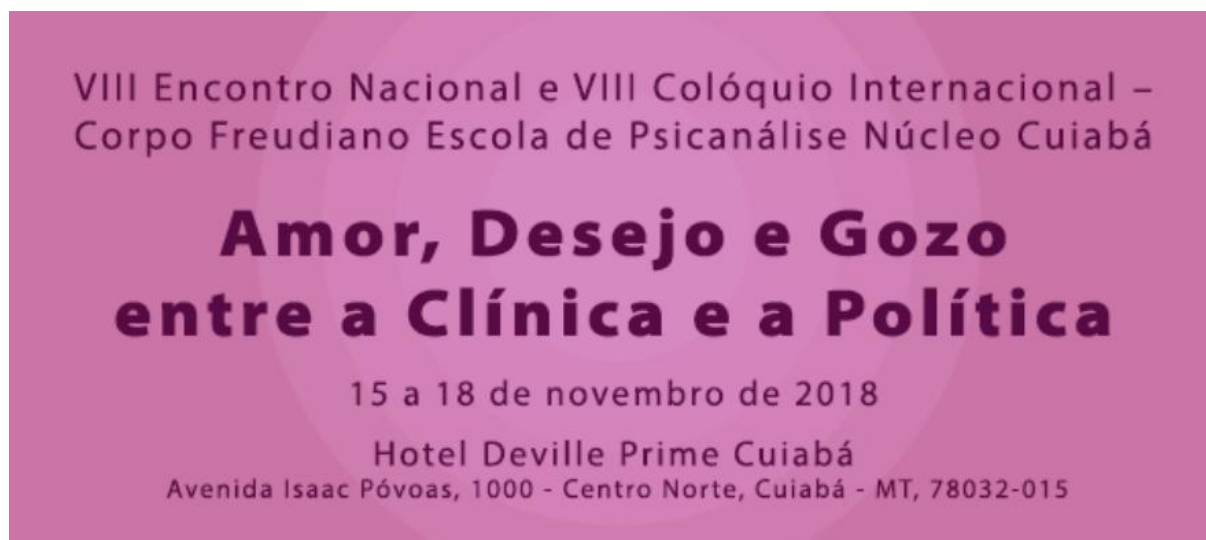
Denise Maurano: "Clariceando com o Lispector: bricolagens da memória"

Tarcísio Greggio: "Clarice Lispector: escrever o que a palavra não alcança"

Marco Antonio Coutinho Jorge: "Clarice e a suprema alegria"



5) Próximos eventos



A Rede Americana de Psicanálise (RAP) foi fundada no México em 2013. Nessa ocasião, o Seminário Psicoanalítico (Tucumán, Argentina), o Corpo Freudiano (Brasil) como convidado e a Red Analítica Lacaniana do México realizaram uma 1ª reunião em torno “Da clínica e da cultura”, onde questionaram as questões e mudanças levantadas em relação à sexualidade, novos laços familiares, educação e política.

A 2ª Reunião, em 2014, “O destino do amor”, foi realizada em Pirenópolis, Goiânia, (Brasil). Nessa ocasião, além do Corpo Freudiano (Brasil) e do Seminário Psicoanalítico (Tucumán, Argentina) foi convidado Après-Coup Psychoanalytic Association (New York, USA).

A 3ª reunião, “A sexualidade e os laços sociais”, ocorreu em Tafí del Valle (Tucumán, Argentina) em abril de 2016. A Escuela de la Letra Psicoanalítica (México) e Após-Coup (New York, USA) participaram como convidados; o Corpo Freudiano (Brasil) e o Seminário Psicoanalítico (Tucumán, Argentina), como fundadores.

Desde então, a RAP é configurada com três escolas fundadoras: o Seminário Psicoanalítico (Tucumán, Argentina), Corpo Freudiano (Brasil) e a Escuela de la Letra Psicoanalítica (México). Ela coloca em ato um dispositivo singular: tornando-se um nó borromeano de 3 instituições fundadoras, promove o movimento de entrada e

saída na estrutura, de instituições ou analistas que participam como convidados, a partir da função de Mais-um.

A aposta da RAP parece-nos fundamental e radical. Portanto, propomos convidar como Mais-um diferentes escolas e instituições do México e outros países, cobrindo mais amplamente nossa América.

- Canadá (América do Norte);
- Costa Rica (América Central);
- Cuba, Caribe;
- E, além disso, o Equador, por vários motivos, incluindo sua localização geográfica.

Estes países, como Mais-um, reuniram-se em conjunto com as escolas fundadoras, incluindo México. Pela segunda vez, o México está feliz em organizar e hospedar a 4ª reunião. Da declaração acima, nós temos a alegria e a honra de convidá-lo a participar como palestrantes sobre o tema “A cultura entre a vida e a morte”, que terá lugar na cidade de Oaxaca nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2018. Acreditamos que será um encontro americano de psicanálise intenso no trabalho, reflexão, discussão e produção.

Oaxaca é um estado com uma enorme riqueza baseada no multiculturalismo de seus habitantes, suas festas e tradições, gastronomia, artesanato e uma série de atrações. A diversidade oferecida em oito regiões, característico do frio de montanhas do Sul e Norte, moderando os vales centrais, o calor úmido e costeiro e o istmo de Tehuantepec, o calor seco do Canadá, a umidade quente de Tuxtepec e multifacetado clima da região Mixteca. A cidade de Oaxaca está localizada na região do Vale Central. Lá, vivendo com o presente, respira uma atmosfera de outros tempos, que se reflete na beleza de sua arquitetura, a policromia dos seus têxteis, magia e cor nos “alebrijes”, as peças feitas em barro preto e vermelho e, claro, a riqueza cultural dos diferentes grupos étnicos.

A reunião terá lugar na Hotel Misión de los Angeles, localizado em Calzada Porfirio Díaz, nº 102, Oaxaca, México.

Propomos que todas as jornadas tenham a mesma duração e ocorram no meio do auditório. Não haverá – definição de nossa posição histórica – mesas simultaneamente ou palestras de Keynote. Apresentações serão desenvolvidas e realizadas-se em três línguas: espanhol, inglês e português. Apresentações serão traduzidas em três idiomas e estabelecidas por escrito. Cada um dos participantes pode tê-los em sua língua materna em uma pasta especial ou em uma projeção que será feita em duas telas (uma para cada idioma) na sala, para que a apresentação na língua original do expositor possa ser acompanhada pelo público em outros idiomas.

Isto significa que cada palestrante apresentará seu trabalho escrito em três línguas. Haverá espaços para a reflexão sobre as reuniões e as obras incluídas no programa.

Como é um evento de autogestão e como acontece em muitas reuniões, além do público assistente, os palestrantes também contribuirão com a inscrição.

Para colegas de outros países, o registo é de U\$100 entre 1º de novembro de 2017 e 31 de janeiro de 2018. U\$120 de 1º de fevereiro a 21 de março de 2018 e U\$150 de 22 de março até o dia do evento.

Queridos colegas, nós esperamos que aceitem este convite ao diálogo, troca e reflexão, e possamos nos ver no México no próximo ano. Será um grande prazer e uma honra recebê-los em nossa terra, que também é sua.

Carinhosamente: Escuela de la Letra Psicoanalítica do México



Comunicado 1 do Comitê Internacional de Ligação da IV Jornada da
Rede Americana de Psicanálise:

"Cultura: entre a vida e a morte", Oaxaca, nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2018.

A data-limite para envio dos TÍTULOS DOS TRABALHOS é 31 de janeiro de 2018. As inscrições de trabalhos podem ser feitas desde já, em fluxo contínuo e até esta data. Os trabalhos devem ter seu título e nome do autor a fim de poderem constar na Programação.

A taxa de inscrição para a categoria de estudantes, é de U\$75 e de U\$100 para palestrantes e profissionais. Ao enviar seu nome e o título do trabalho, a inscrição no evento será estabelecida e, em breve, informaremos o modo do depósito de tais registros.

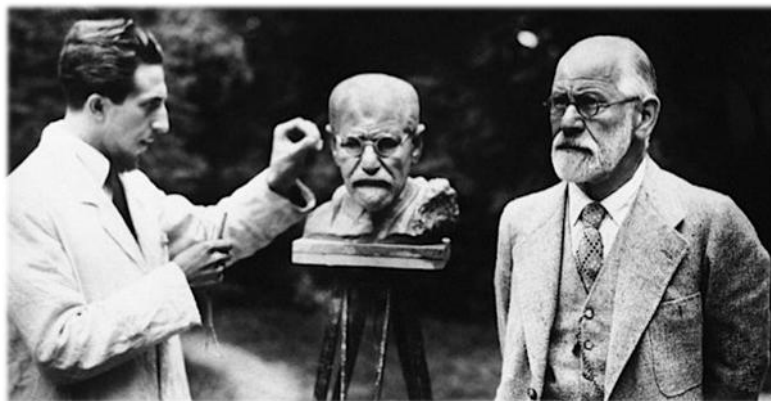
Fernando Quezadas

Comitê Internacional de Ligação da IV Jornada da Rede Americana de Psicanálise

Seção Rio de Janeiro

Convidamos a todos para a atividade preparatória para a IV Jornada de Psicanálise – “A cultura entre a vida e a morte”, da Rede Americana de Psicanálise.

Três encontros sobre “O mal-estar na cultura”, de Freud



Dia 23/01/2018, Felipe Castelo Branco e Marco Antonio Coutinho Jorge

Dia 30/01/2018, Julio Braga e Raphael Ferreira Andrade

Dia 06/02/2018: Eliane Dalmácio e Heloneida Ferreira Neri

Horário: 19:30h – Local: Sede da Seção Rio de Janeiro

O grupo de estudos da Formação Permanente “Mitos, Literatura e Psicanálise”, apresentará dois filmes em janeiro de 2018:

18 de janeiro, de 14h às 17h

“Shame”, com comentários de Tatiana Pequeno e Leonel Veloso.

25 de janeiro, de 14h às 17h

“A chegada”, com comentários de Eliana Moraes e Jaqueline Ferreira.

Agradecemos a presença e possíveis colaborações dos colegas da Escola.



Prezados amigos e colegas,

É com grande satisfação que vimos convidá-los a assistirem o Concurso Público para a Promoção da professora Denise Maurano Mello à categoria de Titular – Classe E.

O evento acontecerá no dia 16 de janeiro, no Centro de Ciências Jurídicas, Políticas e de Administração (CCJP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), às 9h da manhã (sala 101), na Rua Voluntários da Pátria, n. 107, ao lado da estação Metrô Botafogo.

Para tal, contamos com a ilustre Comissão Especial de Avaliação constituída pelos Professores Titulares Externos:

Dr. Jean-Michel Vives (Universidade Nice Sophia Antipolis – França)

Dra. Nadiá Paulo Ferreira (UERJ)

Dr. Luciano da Fonseca Elia (UERJ)

Dra. Anna Carolina Lo Bianco (UFRJ)

Dr. Mario Eduardo de Sá Pereira (UNICAMP e Université Aix-Marseille – França)

E internos:

Dr. Álvaro Reinaldo de Souza (UNIRIO - Presidente da Comissão)

Dra. Rosalina Correa de Araújo (UNIRIO)

Será um prazer tê-los conosco nessa ocasião tão especial.

Um grande abraço

Denise



Corpo Freudiano Paris

Chers membres et amis de Corpo Freudiano,

Permettez moi de vous présenter mes *meilleurs vœux* pour cette nouvelle année 2018 qui vient tout juste de commencer. Ce que je voudrais vous souhaiter, plus particulièrement, c'est de prendre à la lettre le mot « nouveau » et de l'entendre vraiment comme ce qui se rapporte à quelque chose d'original, de jamais vu, de jamais entendu. Je vous souhaite, donc, pour cette nouvelle année, de faire surgir en vous le désir d'entreprendre des initiatives inédites : de mettre en œuvre, par exemple, un évènement qui vous tient à cœur, ou d'inventer, de créer quelque chose de nouveau et d'inouï. Je vous souhaite en bref d'innover dans votre vie, dans votre travail, dans votre recherche, et pourquoi pas même dans vos liens professionnels, amicaux ou amoureux !

De ma part, je vous annonce que Corpo Freudiano propose comme nouvelle initiative, la mise en place « des Ateliers de psychanalyse » : ce sera une sorte de laboratoire où chacun d'entre nous sera convoqué, s'il le désire bien sûr, à travailler autour des concepts fondamentaux de la psychanalyse pour tenter encore de mener cette transmission impossible de la psychanalyse (pour d'autres comme pour soi...) et pour aussi permettre son renouvellement.

Je vous enverrai prochainement le programme de ces « Ateliers de psychanalyse », mais j'ai dorénavant et déjà le plaisir de vous transmettre un article de Laurent Peyronnie sur le concept de source qui m'apparaît comme un exemple et un modèle d'un travail de transmission de la psychanalyse, allant justement, je dirai, à sa source... Je vous envoie également, ci-joint, le programme de janvier des activités de Corpo Freudiano.

Veillez aussi, en plus de mes vœux et de ce texte, bien vouloir recevoir ma gratitude pour ce que chacun de vous a déjà apporté, par ses contributions, ses paroles, ses interrogations, ses désirs, à Corpo Freudiano.

Paris, le 5 janvier 2018

Paolo Lollo, Président de l'association Corpo Freudiano Paris



Rencontres Janvier 2018

■ Samedi 6 janvier 2018 15h30 – 17h00

Clinique du transfert

Comment définir la relation transférentielle entre l'analysant et l'analyste, notamment du point de vue de la « disparité subjective » - évoquée par Lacan ? D'autre part, du côté de l'analyste, quel est le malentendu véhiculé par la notion du *contre transfert* ? Devrions-nous plutôt interroger la position de l'analyste du côté de ce « désir plus fort... que d'en venir au fait avec son patient, de le prendre dans ses bras ou de le passer par la fenêtre ? » (Séminaire VIII de Lacan, Le transfert p.220). Quant au contenu du transfert, quel est son lien à la répétition ? La pratique clinique nourrira les interrogations dans le cadre de ce groupe de travail.

Lieu : Studio du Regard du Cygne, 210, rue de Belleville

Contact : Eva Fuzessery. E-mail : eva.fuzessery@icloud.com

Inscriptions : tél.: 06 26 80 34 71 e-mail: corpofreudiano@free.fr

■ Mercredi 10 janvier 2018 à 21h

Analyse de la pratique

Il s'agit de s'interroger, soi, sur son implication dans une pratique, peut-être de psychanalyste mais éventuellement d'autre chose. Il ne s'agit pas de s'interroger sur l'autre, le « cas », dont on ferait ainsi un objet. Il s'agit d'être sujet.

Lieu : 46, rue de la Butte aux Cailles, 75013 Paris. Escalier A 1^o étage, code 2013.

Pour vous inscrire contactez : abibonrichard@wanadoo.fr;

ou téléphoner au : 0626803471 e-mail : corpofreudiano@free.fr

■ Samedi 13 janvier 2018 à 21h00

Atelier de topologie clinique

« Nous raisonnons notamment sur le nœud du sinthome. Ce quatrième rond qui lorsqu'il est connecté avec le symbolique, comme une excroissance du symbolique, participe au processus de sublimation. Peut-il se glisser pour devenir une excroissance de l'imaginaire ou du réel sans nécessiter de "chirurgie" – couper une dimension et la recoudre – ou bien ceci est-il impossible? Il semble bien qu'il faille répondre par la négative, mais cette réponse n'a pas fait l'unanimité entre nous. Michel Thomé viendra contribuer à nos élaborations. D'ailleurs une question ré-évoquée souvent quand est abordée la question du sinthome, – Quel sujet émerge quand le sinthome s'attache

au réel? -- Quel sujet émerge quand le sinthome s'attache à l'imaginaire? » Jacques Siboni

Lieu : 8 passage Charles Albert 75018 Paris.

Contact : Jacques Siboni : Tel: 01 42 287 678 e-mail : jacsib@lutecium.org

■ Mercredi 17 janvier 2018 à 20h45

Faire retour à Bataille

Séminaire de Jacques Nassif

L'œuvre de Georges Bataille dont on pourrait croire qu'elle aborde plusieurs domaines (essais philosophiques, traités d'anthropologie, critique littéraire, romans, poésie et mystique, etc.), sans jamais être repérable dans une discipline, apparaîtra sous la grille de notre lecture comme singulièrement unifiée, pour peu qu'on s'aperçoive qu'elle relève d'un nouveau genre : celui de l'écriture analysante. Ce séminaire donnera non seulement l'occasion d'indiquer quelle serait la dette inavouée de Jacques Lacan vis-à-vis de l'œuvre de G. Bataille, mais l'on cherchera aussi à mettre en valeur que certaines de ses avancées peuvent intéresser aujourd'hui la psychanalyse, pour peu que l'on s'aperçoive qu'elles en sont directement issues. Opérer un tel décryptage permettra en outre de dévoiler à quel point l'héritage confisqué de Lacan empêche les psychanalystes d'élaborer, en dehors d'un triste jargon d'école, ce qui fait l'originalité de leur pratique. Bataille ainsi relu pourrait-il permettre de sortir d'une telle impasse ? Serait-il possible, en faisant de cette manière « retour à Bataille », de relancer la psychanalyse ?

Lieu : A l' I.T.P. 83, Bd Arago, 75014, Paris - Salle 1, RdC

Contact : Emmanuel Valat au 06 22 11 30 71, (P.A.F. 10 euros)
adresse mail : e.valat@9online.fr

■ Samedi 20 janvier 2018 15h30 – 17h00

Clinique du transfert

Lieu : Studio du Regard du Cygne, 210, rue de Belleville

Contact : Eva Fuzessery. E-mail : eva.fuzessery@icloud.com

Inscriptions : tél.: 06 26 80 34 71 e-mail: corpofreudiano@free.fr

■ Vendredi 26 Janvier 2018 (de 21h00 à 23h00)

Freud mis en voix – 2017

Soirée de lecture. Rencontres sur le **RÊVE**

Corpo Freudiano anime des soirées de lecture. Par la mise en voix de textes et par l'écoute des signifiants du « corpus freudien ». Il s'agira, pour chacun, de faire surgir et advenir ses propres signifiants, dans un

partage et dans un transfert d'étude. Nous lirons les "Leçons d'introduction à la psychanalyse", Œuvres Complètes, Edition PUF, vol 14 (1915-1917). Nous suivrons les conférences telles qu'elles ont été établies, en tenant compte du texte en allemand et des diverses traductions. Des interruptions permettront à chacun de partager ses questionnements au moment où ils surgissent. Les séances de lecture dureront 1h45.

Lieu : 46, rue de la Butte aux Cailles, 75013 Paris. Escalier A 1^o étage, Code 2013. (*Entrée libre*)

Contact : Paolo Lollo 06 26 80 34 71 e-mail: plollo@free.fr

■ **Groupe de travail sur « L'Ethique de la psychanalyse »**

Contactez David Berton au 06 83 23 39 54

ou à l'adresse bertondavid@hotmail.com

Pour recevoir les infos de Corpo Freudiano, inscrivez-vous à la newsletter:

<http://corpofreudiano.lutecium.org/activites/>



Dominique Dyens

Cet autre amour

roman



Robert Laffont

Dominique Dyens, romancière, présentera un récit de son expérience d'analysante, écrit avec beaucoup d'authenticité... Dans "Cet autre amour", l'amour de transfert si fort qu'elle en a été submergée.

Le psychanalyste Paolo Lollo, cofondateur de l'association Corpo Freudiano Paris et auteur du livre "Passages secrets de la psychanalyse" parlera du désir du psychanalyste et du transfert.

Rémi Huppert évoquera la mémoire d'un grand compositeur, trop méconnu, ami de Ravel, Gershwin et Chaplin, Slexandre Tansman, dont on écouterá un morceau.



LACAN, L'EXPÉRIENCE ANALYTIQUE

Il y a plus de soixante ans commençait à Paris un enseignement de psychanalyse dont les effets innombrables se poursuivent encore, malgré la difficulté de cette pensée et la complexité de son énonciation. Il était destiné à former des psychanalystes, ce pourquoi chacun de ses termes, dans son articulation précise à la pensée de Freud, était élaboré au ras de l'expérience, dans son réel et sa lettre. La clinique et la technique analytique firent l'objet d'une permanente réflexion, appuyée sur les logiques de l'inconscient et des outils linguistiques modernes. L'enseignement de Lacan forma des analystes fort nombreux, qui à leur tour en formèrent d'autres, dans de nombreuses écoles.

Avec ces journées nous interrogerons le devenir ce qui a été ainsi transmis et enseigné de l'expérience analytique. Qu'est-ce qui, dans la pratique de chaque analyste, fut saisi, adopté, repris et prolongé de ce que Lacan apporta comme témoignage et comme pensée sur son affrontement à la chose psychanalytique ? Que fait-on de la demande à la lumière de ce qu'il en a dévoilé ? Comment pratique-t-on l'interprétation équivoque, et quels effets en observe-t-on ? Que sont devenues les structures cliniques, lorsque leur logique s'atteste toujours plus tandis que l'évolution des sociétés les conteste ? Que traite-t-on du symptôme, du fantasme ? Quel usage fait-on de l'amour du transfert, à d'autres fins que l'amour ? Comment et quand finit-on une analyse ? Toutes questions sur lesquelles de nombreux analystes se prononceront et échangeront, tout en dessinant ce qui reste encore pour l'avenir à déchiffrer, à utiliser, et à prolonger de cette psychanalyse freudienne lacanienne indispensable.

LACAN, L'EXPÉRIENCE ANALYTIQUE

Du 9 au 11 mars 2018

Campus des Cordeliers
21 rue de l'École-de-Médecine, 75006 Paris



Comité d'organisation

Olivier DOUVILLE, Didier LAURU, Pierre MARIE,
Amos SQUERER, Sarah STERN, avec la collaboration
de Gisèle CHABOUDEZ et Alain VANIER

Ce programme est agréé dans le cadre de la formation permanente
N° agrément : 11.75.33.82175) et de l'OGDPC
(Informations : arlette-costecalde@wanadoo.fr)

Pour tout renseignement, s'adresser à
Espace analytique – 12 rue de Bourgogne, 75007 Paris
tél. : 01 47 05 23 09 – espace.analytique@wanadoo.fr



Vendredi 9 mars 20h 30

**MARQUES DE LA TRANSMISSION DE LACAN
DANS UNE PRATIQUE DE LA PSYCHANALYSE**

Pierre Bruno, Guy Le Gaufeys, Claude Landman,
Eric Laurent, Danièle Lévy, Agnès Metton, Erik Porge
Modérateurs : Gisèle Chaboudez et Alain Vanier

**Samedi 10 mars
MATINÉE**

9h Introduction : Alain Vanier

QUE FAIT-ON DE LA DEMANDE EN PSYCHANALYSE ?

Modératrice : Catherine Vanier

Marielle David : « Je te demande de me refuser ce que je t'offre »
Antoine Masson : Entendre ce qui insiste
Marie Pesenti : Le pousse au dire
Christian Hoffmann : Demande, contre-demande et désir
de l'analyste

11h30 ACTUALITÉ DES STRUCTURES CLINIQUES

Modérateur : Olivier Douville

Olivier Putois : La structure et son dehors organique
Claire Gillie : La perversion au féminin: une (a)mère-version ?
Bernard Toboul : La dimension actuelle d'une structure
clinique
Paul-Laurent Assoun : Structure freudienne et « politique
de la castration »

APRÈS-MIDI

14h30 MODES ET EFFETS DE L'INTERPRÉTATION

Modératrice : Vannina Micheli-Rechtman

Amos Squaverer : L'interprétation comme émergence
Didier Lauru : Homophonie et acte analytique
Guy-Félix Duportail : Grammaire analytique, grammaire
philosophique

16h DEVENIR ANALYSTE, DÉSIR DE L'ANALYSTE

Modératrice : Gorana Manenti

Gérard Pommier : Surtout ne pas vouloir soigner : un désir
renié
Patrick Landman : Analyste : désir et devenir, deux logiques
différentes ?
Gisèle Chaboudez : D'un acte de foi à un acte analytique
Marie Jean Sauret : « ... rejoindre la satisfaction de chacun »

**Dimanche 11 mars
ATELIERS MATINÉE**

**9h30 1) LA PSYCHANALYSE D'ENFANTS
DANS L'ORIENTATION LACANIENNE**

Modérateurs : Patricia de Rouvray et Frédéric de Rivoyre

Marie Terral-Vidal : Si Lacan m'était conté
Radu Turcanu : Le nourrisson qui interprétait ses parents
Anahit Dasseux : Silence... qui parle ?
Ursula Renard : L'enfant objet a

2) L'ACTUEL DE L'ŒDIPE

Modérateur : Jean-Claude Aguerre

Arlette Costecalde : À propos de la phase précœdipienne
Georgy Katzarov : Spectres d'Œdipe
Laurence Croix : Œdipe, mythe ou religion ?
Samuel Liévain : De la logique du mythe au mythe de la logique

3) RENOUVEAU DES PRÉSENTATIONS CLINIQUES

Modérateur : Olivier Douville

Nicolas Dissez : Quelques questions à partir du dispositif
Geneviève Nusinovici : Sur quelques effets de la présentation
de malades
Dominique Tourrés-Landman : Lorsque le refoulement vient
à manquer
Françoise Blanadet : Notion de suppléance
Houchang Guilyardi : Vingt années de présentation
de clinique analytique

4) LE FÉMININ DE LACAN

Modératrice : Gorana Manenti

Eliane Perasso : Pourquoi tant de haine ?
Hélène Blaquièrre : Voiles
Laurent Delhommeau : L'autre femme
Sarah Stern : Le féminin au temps du genre

5) LOGIQUES DU CORPS

Modératrice : Nicole Stryckman

Claire Nahon : D'un malentendu consommé
Jean-Jacques Moscovitz : Présence, corps, séance chez
Lacan
Hélène Godefroy : La pulsion entre conversation et lésion
Pablo Votadoro : Clinique du corps insignifiant

APRÈS-MIDI

14h DIRECTION DE LA CURE

Modératrice : Sarah Stern

Jacques Sédat : Lacan, 1952, une interprétation du transfert
Markos Zafiroopoulos : Les mythologiques de Lacan :
fantasme et passe

15h FIN DE PARTIE, FIN D'ANALYSE

Modérateur : Guy Sapriel

Claude-Noële Pickmann : « Faut le temps »
André Michels : Du nom en fin de cure
Celya Herbin : « Puis, un jour, soudain, ça finit, ça change »
Pierre Marie : « Ça ne va donc jamais finir ? »

17h CONCLUSIONS

Pierre Marie, Didier Lauru



Association de Formation Psychanalytique et de Recherches Freudiennes

Espace analytique

ASSOCIATION RÉGIE PAR LA LOI DU 1^{er} JUILLET 1901

GROUPE ARABOPHONE POUR LA PSYCHANALYSE

- le Vendredi 26 Janvier 2018, 21h15

Conférence de Pierre LAFRANCE

« La colonisation et le danger de rendre l'autre intelligible »

- le Vendredi 2 Février 2018, 21h15

Conférence de Livio BONI

« De l'Inde à l'Algérie, en passant par Madagascar: pour une cartographie critique des rencontres entre psychanalyse et décolonisation »

Avec la participation de Houria Abdelouahed, Kader Attia, Jalil Bennani, Fethi Benslama, Raja Ben Slama, Nedra Ben Smail, Ahmed Bouhlal, Christian Hoffmann, Patrick Landman, Karima Lazali, Majid Safouane, Catherine Saladin, Alain Vanier, Catherine Vanier, etc.

au CENTRE OCTAVE ET MAUD MANNONI
12, rue de Bourgogne 75007 – Paris
Tél. 0147052309
espace.analytique@wanadoo.fr
<http://www.espace-analytique.org>



www.alfapsy.net



كلية الطب
والصيدلة - مراكش
FACULTÉ DE MÉDECINE
ET DE PHARMACIE - MARRAKECH



ALFAPSY organise, en partenariat avec
la **Faculté de Médecine et de Pharmacie**
et l'**Amicale des Psychiatres de Marrakech**

5^e Colloque InterPsy Marrakech (Maroc) 29, 30, 31 mars 2018

2^e annonce

COMITE D'ORGANISATION

Abdeslam BENALI (MAR)
Safouene EL HECHMI (TUN)
Abdelhakim JAMALI (MAR)
Josiane VIDAL (FR)

Coordonné par :
Hassen ATI (TUN)
Abdessadek EL IDRISSE (MAR)

COMITE SCIENTIFIQUE INTERNATIONAL

Fatima ASRI (MAR)
Rachid BENNEGADI (FR)
Hervé BOKOBZA (FR)
Michel BOTBOL (FR)
Salem BROUR (TUN)
Asmaa EDDAAL (MAR)
Jean GOLAZ (SWI)
Essedik JEDDI (TUN)
Paul LACAZE (FR)
Fatiha MANOUDI (MAR)
Anicée El Amin MEHRI (LIB)
Arouna OUEDRAOGO (BF)
Michel PETERSON (CAN)
Sami RICHA (LIB)
Aida SYLLA (SEN)
Hachem TYAL (MAR)
Sofiane ZRIBI (TUN)

Coordonné par :
Jalil BENNANI (MAR)
Hervé GRANIER (FR)

PRÉSIDENTIE DU COLLOQUE

Hachem TYAL (MAR)
Sofiane ZRIBI (TUN)



Globalisation, Particularismes et Psychiatrie du Sujet

Le monde est traversé par des mutations profondes, des violences et des guerres. Ces transformations, liées à des facteurs politiques, économiques et culturels affectent les individus et les collectivités. La globalisation, en libéralisant les échanges, aboutit à exacerber les particularismes et ne parvient pas à réduire les inégalités, les injustices, les ségrégations et les exclusions.

Nombre d'individus sont contraints de quitter leur pays, menacés de persécutions en raison de leurs nationalités, leur appartenance à un certain groupe social, leur religion ou leurs opinions. L'exil forcé engendre des traumatismes, des deuils et des nostalgies. Mais il peut aussi permettre de créer et de réussir à distance de son pays, sa langue et de sa culture. Le monde est résolument transculturel même si des barrières se dressent de manière inquiétante pour cloisonner les communautés humaines et les mentalités dans des identités qui se voudraient uniques et figées.

Les professionnels de la santé, psychiatres, psychologues et psychanalystes sont interpellés pour se pencher sur les incidences subjectives des changements qui affectent les sociétés. Repenser les catégories et les outils de nos disciplines, aborder et traiter les souffrances, les angoisses, les violences et les pathologies nouvelles dans un monde nouveau : telles sont les tâches qui nous attendent. Une psychiatrie humaniste incluant les apports des sciences humaines et plus particulièrement la psychanalyse, n'est-elle pas de nature à contribuer à une refondation de l'humanisme moderne dans sa visée universaliste et cosmopolite ?

INTERVENANTS-E-S INVITÉ-E-S ALFAPSY

César A. ALFONSO (USA)

Professeur associé de psychiatrie, Columbia University Medical Center, New York USA, Président de la section Psychothérapie de la WPA, Président de la branche américaine de l'Association Mondiale de Psychiatrie Dynamique

Roberto BENEDEUCE (Italie)

Professeur d'anthropologie médicale et psychologique au département de Culture, Politique et Sociétés de l'Université de Turin, Directeur fondateur du Centre Franz Fanon pour les réfugiés, à Turin

Rachid BENNEGADI (France)

Psychiatre, Anthropologue, Président de l'Association Française de Psychiatrie Sociale, Président Élu 2019 de la World Association of Social Psychiatry, Directeur médical du Centre Minkowska, Paris

Gilles BIBEAU (Canada)

Professeur émérite, Département d'anthropologie, Université de Montréal

Isabelle BLONDIAUX (France)

Psychiatre des hôpitaux, psychanalyste, Docteur en philosophie et en littérature, Université Paris-est, Chercheur associé à l'Institut Anna Arendt

Michel BOTBOL (France)

Psychiatre, psychanalyste, Professeur à l'Université de Brest, Secrétaire aux Publications Scientifiques de la WPA

Maurice CORCOS (France)

Professeur à l'Université Paris V René Descartes, Chef de Service du Département de Psychiatrie de l'Adolescent Institut Mutualiste Montsouris, Paris

Boris CYRULNIK (France)

Neuropsychiatre, psychanalyste, chercheur en éthologie et Directeur d'enseignement de la « Clinique de l'attachement et des systèmes familiaux » à l'Université de Toulon

Nicolas GEORGIEFF (France)

Professeur de psychiatrie à l'Université Lyon 1, psychiatre et Chef de Service au Centre hospitalier du Vinatier. Il est membre de l'Institut des Sciences Cognitives de Lyon

Essedik JEDDI (Tunisie)

Neuropsychiatre, Ancien Chef de Service, Professeur émérite à l'Université de Tunis, auteur de nombreux livres dont le dernier est traduit en portugais, Psicoterapia institucional e musicoterapia, Ed. Tamam, Montréal 2016

Mauro MENDES DIAS (Brésil)

Psychiatre, psychanalyste, membre fondateur de l'École de psychanalyse de Campinas, Directeur de l'Institut Vox de Recherche en Psychanalyse, Sao Paulo

Driss MOUSSAOUI (Maroc)

Psychiatre, Ancien Président de la WASP, Ancien Chef de Service du Centre Psychiatrique Universitaire Ibn Rochd, Professeur émérite de l'Université de Casablanca

Michel PETERSON (Canada)

Psychanalyste, Chercheur à la Chaire Oppenheimer en Droit international public de l'Université McGill à Montréal et Professeur visitant au Département psychologie transculturelle de la Fondation universitaire de Rio Grande do Sul

Sami RICHA (Liban)

Psychiatre, Chef du Département de Psychiatrie, Université Saint-Joseph, Beyrouth

Pré-programme scientifique

Susceptible de discrètes modifications

Jeudi 29 mars, Hôtel Radisson Blu

14h-15h : Accueil particulièrement dédié aux Étudiants, aux Résidents en psychiatrie et à tous professionnels non médecins

15h-18h : Visites du Centre Psychiatrique Universitaire et de l'Hôpital de Jour de Marrakech

18h30-19h30 : Conférence publique
Modérateur : **Moulay Abdessadek El Idrissi**

Boris Cyrulnik, Toulon
Globalisation et résilience

Vendredi 30 mars, Hôtel Radisson Blu

08h15-08h45 : Accueil

**08h45-09h15 : Ouverture du Colloque : Mohamed Bouskraoui, Moulay Abdessadek El Idrissi
Hachem Tyal, Sofiane Zribi**

09h15-09h30 : Propos introductif : Jalil Bennani, Rabat

Première session plénière

Présidents : **Hervé Granier, Mehdi Paes**
Modérateur : **Abdeslam Benali**

09h30-10h00 : Maurice Corcos, Paris

Dix bonnes raisons de croire et de se méfier du DSM ou le retour de l'homme sans qualité

10h00-10h30 : César A. Alfonso, New York

Perspective psycho-dynamique sur la Violence comme incohérence d'attachement et défaillance de l'altruisme

10h30-11h00 : Sami Richa, Beyrouth

Les défis éthiques dans les maladies mentales

11h00-11h15 : Discussion

11h15-11h30 : Pause café

Deuxième session plénière

Présidents : **Sami Richa, Asmaa Eddaal**
Modérateur : **Rachid Bennegadi**

11h30-12h00 : Michel Botbol, Brest

Big Data et Diagnostic Centré sur la Personne en Psychiatrie

12h00-12h30 : Isabelle Blondiaux, Paris

La littérature peut-elle soigner?

12h30-13h00 : Mauro Mendes Dias, San Paolo

Les vociférations et ses traitements possibles

13h00-13h15 : Discussion

13h15-14h30 : Pause déjeuner

Ateliers 1

Président : **Sofiane Zribi**
Discutant : **Michel Botbol**

15h00-15h15 : Ceylin Ozcan, Istanbul

Nouvelles angoisses

15h15-15h30 : Ghislaine Benjelloun, Casablanca

Du bébé à l'ado, nouvelles pathologies, nouvelles approches, une pédopsychiatrie moins humaniste ?

15h30-15h45 : Agnès Bardin, Montpellier

Mondialisation et structuration psychique de l'enfant : Études cliniques

15h45-16h30 : Discussion

Ateliers 2

Président : **Patrick Martin**
Discutant : **Ghislaine Benjelloun**

Marie-Jo Bourdin, Stéphanie Larchanché, Paris

Les enjeux de la santé mentale globale : regard et contributions de l'anthropologie

Michel Peterson, Rio Grande do Sul

La désistance - du mal en son principe

Chantal Jacquié, psychiatre, St Briec

Notre conception du sujet est-elle une spécificité culturelle occidentale ?

Discussion

16h30-16h45 : Pause café

Ateliers 3

Président : **Noureddine Belahnichi (Rabat)**
Discutant : **Amine Benjelloun**

16h45-17h00 : Amine Benyamina, Paris

Les addictions ou la revanche de l'environnement sur le gène

17h00-17h15 : Zakaria Rhani, Rabat

Confinement, désir et métamorphose : Deleuze et l'anthropologie du devenir

17h15-17h30 : Chantal Cornaert, Paris

Nouveaux traumatismes, le monde du travail en France

17h30-18h15 : Discussion

18h15-18h30 : Pause

Ateliers 4

Présidents : **Hassen Ati (Tunis)**
Discutant : **Nicolas Georgieff**

Amine Benjelloun, Marseille/Casablanca

L'identité : entre aporie et fiction

Marco Christian Michael, New York

Cultural refinements and adaptation of Eurocentric psychotherapy in Southeast Asia and Eastern European regions

Mustapha Mohamed Larissa, Marrakech

Migrants et droits de l'homme

Discussion

18h30-20h30 :

Assemblée Générale ALFAPSY

Samedi 31 mars, Hôtel Radisson Blu

Troisième session plénière

Présidents : **Fatima Asri, Abdelhakim Jamali**
Modérateur : **Paul Lacaze**

- 09h00-09h30** : **Driss Moussaoui, Casablanca**
Globalisation et santé mentale
- 09h30-10h00** : **Rachid Bennegadi, Paris**
Compétence culturelle et pratiques cliniques psychothérapeutiques inspirées des grandes trajectoires humaines du 21^eS
- 10h00-10h30** : **Essedik Jeddi, Tunis**
La Psychothérapie Institutionnelle et l'Art-thérapie au fondement de la psychiatrie centrée sur le Sujet
- 10h30-10h45** : Discussion
- 10h45-11h00** : Pause café

Quatrième session plénière

Présidents : **Hervé Bokobza, Jalil Bennani**
Modérateur : **Maurice Corcos**

- 11h00-11h30** : **Gilles Bibeau, Montréal**
Le terrorisme, entre non sens et sens
- 11h30-12h00** : **Roberto Beneduce, Turin**
Sortir de la nuit : violences, errances et mensonges dans l'expérience des demandeurs d'asile
- 12h00-12h30** : **Nicolas Georgieff, Lyon**
Changements dans l'intersubjectivité et destins du sujet
- 12h30-12h45** : Discussion
- 13h00-15h00** : Pause Déjeuner

Atelier 5

Président : **Rachid Aalouane (Fes)**
Discutant : **Michel Peterson**

- 15h00-15h15** : **Moulay Abdessadek El Idrissi, Marrakech**
Réflexion à propos de l'intervention psychiatrique marocaine au Kosovo
- 15h15-15h30** : **Abdeslam Benali, Marrakech**
Enjeux de la psychiatrie militaire en opération
- 15h30-15h45** : **Larbi Seguier, Paris/Casablanca**
Globalisation et mutations socio-psychologiques
- 15h45-16h00** : Discussion

Ateliers 6

Président : **Brahim Benbrahim (Casablanca)**
Discutant : **Othman Lorabi (Casablanca)**

- Fabien Dworzak, Lyon**
Identité, identification, globalisation, apprentissage des langues
- Imen Miri, Tunis**
Le langage : dimension développementale, dimension relationnelle
- Arnaud Pannier Casablanca**
La francophonie : espaces et projet. Tension des territoires et territoires d'opportunités
- Discussion

- 16h00-16h15** : Pause café

Table Ronde de clôture : Globalisation et mutations sociales

Présidents : **Hachem Tyal, Sofiane Zribi, Paul Lacaze**
Animatrice : **Mélanie Fredrichs-Cigli, Chroniqueuse de Luxe Radio (Casablanca)**

- 16h15-18h15** : Intervenants
Mustapha Larissa, Roberto Beneduce, Jalil Bennani, Nicolas Georgieff, Boris Cyrulnik
Débat général avec la Salle

- 18h15** : fin des travaux : regroupement convivial et photos souvenirs de clôture

Présentation ALFAPSY 2017

Présidents d'Honneur ALFAPSY

Dr Jalil BENNANI (MA)
Dr Antoine BESSE (FR) †
Dr Hervé BOKOBZA (FR)
Dr Paul LACAZE (FR)

Composition du Bureau Exécutif 2015 – 2017

Président en exercice : Dr Sofiane ZRIBI (TN)
Vice-président : Dr Hassen ATI (TN)
Secrétaire Général : Dr Safouene El HECHMI (TN)
SG Adj. 1 : Dr Hervé GRANIER (FR)
SG Adj. 2 : Pr Aïda SYLLA (SN)
Trésorière : Dr Josiane VIDAL (FR)
Tr Adjoint : Dr Wassim SELLAMI (TN)
Président élu 2017 : Dr Hachem TYAL (MA)

ALternative Fédérative des Associations de PSYchiatrie (**ALFAPSY**), Fédération internationale francophone de psychiatrie d'exercice privé, regroupe des psychiatres d'Algérie, Belgique, Brésil, Canada, France, Italie, Maroc, Sénégal, Suisse, Tunisie, USA.

Elle a été fondée en 2003 pour :

- valoriser la pratique clinique psychodynamique en psychiatrie et santé mentale
- développer la formation et la transmission à travers les « Rencontres Francopsies »
- soutenir les initiatives d'organisations professionnelles de la psychiatrie francophone

ALFAPSY est une association à but non lucratif, totalement apolitique, qui défend une approche humaniste de la psychiatrie.

Affiliée à l'Association Mondiale de Psychiatrie (WPA) et au Collège International de Médecine Centrée sur la Personne (ICPCM), ALFAPSY se veut une tribune pour les professionnels du champ de la psychiatrie qui soutiennent l'idée que l'homme souffrant est à entendre dans sa globalité physique et psychique, essentielle et existentielle, dans sa demande et son désir, ainsi que dans sa culture d'appartenance.

Tarifs des inscriptions

Pour les professionnels Marocains, exclusivement, tarifs en Dirhams : 2.300 MDA

Tarifs Résidents en Psychiatrie : 1.200 MDA
Règlements à l'ordre de l'Amicale des Psychiatres de Marrakech (AMP)

Pour les professionnels non Marocains : tarifs en Euros, règlements à l'ordre d'ALFAPSY

Tarif professionnel **médecin** : **180 € avant le 31 janvier 2018** ; au-delà : 200 €
Tarif préférentiel unique pour tout **professionnel non médecin** : **80 €**
Étudiants et participants **non professionnels** : inscription **gratuite** (sur justificatif)

Informations et inscriptions Colloque à
ALFAPSY, Allée du Pioch Redon, F 34430 ST JEAN DE VEDAS
paul.lacaze@wanadoo.fr et www.alfapsy.net

Informations logistiques



Le Comité d'Organisation du 5^e Colloque InterPsy a fait le choix de l'**Hôtel Radisson Blu******* pour sa situation en plein centre de Marrakech Carré Éden, pour son format à taille humaine et sa piscine extérieure pour la détente.

<https://www.radissonblu.com/fr/hotel-marrakech>

Chambres pré-réservées aux meilleurs tarifs
Compter en moyenne : 125 €/nuitée B&B en single (HT)
145 €/nuitée B&B en double (HT)

Informations et dispositions touristiques à
SigmaCo Business Travel, Agence organisatrice
Mme Nadia KASBI
nadiasigmacotravel@gmail.com
Tel Mobile : +212661455837 ; Tel Fixe : +212522209092

□ ----- à découper suivant le pointillé ----- □

**5^e Colloque InterPsy
Marrakech (Maroc)
29, 30 et 31 mars 2018**

Bulletin de pré-inscription au Colloque en 2^e annonce

à compléter et à renvoyer, par la Poste, accompagné du règlement avant le 31 janvier 2018

Tarif promotionnel pour tout médecin avant le 31 janvier 2018 : 180 Euros
Tarif préférentiel unique pour tout professionnel non médecin : 80 Euros

Règlements en Euros :

Par chèque libellé à l'ordre de « **ALFAPSY Francopsies** »,
adresse postale : **ALFAPSY**, Allée du Pioch Redon, 34430 ST JEAN DE VEDAS, France
ou

Par virement bancaire international : Société Générale, Montpellier, agence 01430
Compte 00037273022 45, SWIFT SOGEFRPP, IBAN FR76 30003 01430 00037273022 45

M, Mme, Dr, Nom :

Prénom :

Profession :

Institution / Organisme :

Adresse postale :

Adresse Email :

N° Tel Mobile :

Accompagné(e) de : ... personnes

Date :

Signature :

MAY 3-6
2018
Florence
ITALY

FERENCZI IN OUR TIME
— and —
A RENAISSANCE OF PSYCHOANALYSIS

Introjection and Transmission
Trauma, Fragmentation and Narrative
Innovations in the Clinical Encounter: Elasticity, Relaxation and Mutuality

13th International Sándor Ferenczi Conference

ferenczi2018

International Sándor Ferenczi Network (ISFN)
ferencziconference.com - sandorferenczi.org

13th International Sándor Ferenczi Conference

FERENCZI IN OUR TIME
and
A RENAISSANCE OF PSYCHOANALYSIS
May 3-6, 2018 ~ Florence, Italy

Ferenczi Renaissance 2018 is appropriately being held in Florence, the birthplace of the Renaissance in the 1500's, which initiated a rediscovery of Classical Greek and Roman knowledge and wisdom, neglected and forgotten during the Dark Ages. Likewise, Sándor Ferenczi's original ideas and research on theory and technique, as well as the legacy of his example as a sensitive clinician, attuned to the patient's needs, were once consigned to oblivion. Fortunately though, Ferenczi's work has been rediscovered by a new generation of psychoanalysts who find his ideas quite relevant to contemporary relational analytic approaches especially with disturbed and traumatized patients.

This conference will bring together an international gathering of clinicians, researchers, and academics to discuss and debate the present-day relevance of Ferenczi's ideas and work.

The themes of the conference, Introjection and Transmission; Trauma, Fragmentation, and Narrative; and Innovations in the Clinical Encounter: Elasticity, Relaxation, and Mutuality, are indicative of the breadth of Ferenczi's creative psychoanalytic thinking and research. On these broad themes, contributors and audience are invited to add their own creative narratives based on collegial discourse with colleagues in a Ferenczian Psychoanalytic Renaissance.

The 13th International Sándor Ferenczi Conference is organized by the International Sándor Ferenczi Network (ISFN).

Organizing Committee

Chair: Carlo Bonomi

Co-Chair: Franco Borgogno

Organizing Committee: Elena Adam, Luis Martin Cabré, Marco Conci, Eros Ferenc,

Giselle Galdi, Gianni Guasto, Adrienne Harris, Endre Koritar, Judit Mészáros,

Cristiano Rocchi, Judit Szekacs

Secretary: Ornella Piccini, info.isfn@gmail.com

6) Bulletin de la SIHPP 11 janvier 2018

Cher amis

Nous avons appris la disparition d'un des plus brillants psychanalystes français, Michel de M'Uzan. Vous trouverez ci-dessous l'article que vient de lui consacrer Elisabeth Roudinesco dans le Monde.

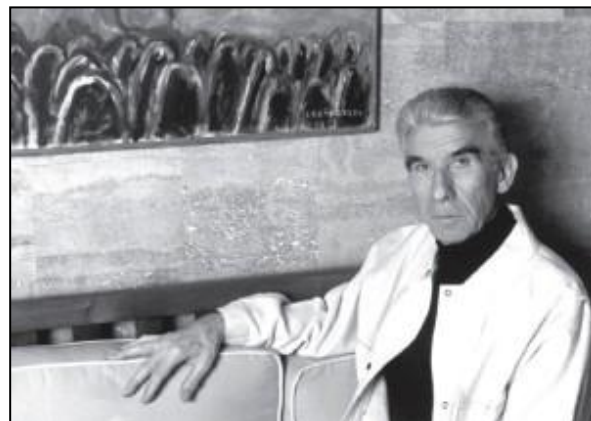
A propos de l'autisme. On le sait, la question de l'autisme est loin d'être refermée. Les débats de ces dernières années, parfois d'une grande virulence, l'ont bien montré : les tenants des thérapies comportementales n'ayant de cesse d'exclure toute autre approche du champ clinique. Heureusement, les recherches continuent sans se laisser enfermer dans un spectre aussi étroit.

Nombre de documents intéressants sont recueillis sur le site de l'association PREAULT à l'origine d'un travail qui vient d'être publié dans la revue Plos One. L'association RAAHP vient de s'en faire l'écho. On trouvera ci-dessous les liens permettant d'avoir accès à ces travaux

Suivent les annonces « habituelles ».

Bien à vous

HR



Décès du psychanalyste Michel de M'Uzan
(Elisabeth Roudinesco pour Le Monde)

Brillant analyste, spécialiste des troubles de l'identité doté d'un réel talent de narration, Michel de M'Uzan est mort le 7 janvier à Paris.

Né à Paris en 1921 et membre de la Société psychanalytique de Paris (SPP), Michel de M'Uzan est mort à Paris le 7 janvier. Il avait été marié à Marthe Robert (1914-1996), célèbre critique littéraire, et restera l'un des plus brillants psychanalystes français de sa génération, auteur d'une œuvre abondante et remarquable. Il avait fort bien connu le poète Antonin Artaud et avait été l'analyste de plusieurs écrivains, parmi lesquels Georges Perec et Marie Cardinal qui avaient, l'un et l'autre, conservé de lui un souvenir inoubliable. Il avait soutenu une thèse de médecine très remarquée sur Franz Kafka (1948).

Durant les années d'après-guerre, il passait son temps à fréquenter des écrivains, des poètes et des penseurs, autant à la Bibliothèque Mazarine qu'au Café de Flore, à Paris. Avec son ami Pierre Marty (1918-1993), il fonde en 1972 un Institut de psychosomatique, ce qui lui permettra de travailler avec des patients atteints de graves maladies organiques.

Analysé par Maurice Bouvet (1911-1960), marqué en profondeur par les œuvres de Sandor Ferenczi et de Viktor Tausk, tous deux disciples de Freud, ce fils d'un père

juif tunisien et d'une mère d'origine danoise sut entretenir une relation privilégiée avec les manifestations des états-limites (dissolution des frontières du moi) et les situations de dépersonnalisation (perte d'identité) ou encore avec des phénomènes aussi inquiétants que le surgissement d'une « chimère » au cœur de la relation fantasmatique d'un sujet avec autrui.

Renouveler la technique de la cure

Autant dire que parmi les postfreudiens, Michel de M'Uzan se rattachait à ce courant de la psychanalyse centrée sur l'étude des troubles de l'identité : hallucinations, délires, dédoublements de la personnalité. Il eut à cœur, en outre, de renouveler la technique de la cure en privilégiant une relation empathique avec le patient fondée sur l'exploration des territoires archaïques de l'inconscient.

Dans son dernier ouvrage, *L'Inquiétude permanente* (Gallimard, 2015), rédigé avec l'aide de Muriel Gagnebin, sa deuxième épouse, psychanalyste elle aussi, on retrouve les thèmes abordés dans les livres précédents (*La Bouche de l'inconscient*, Gallimard, 1977, et *Aux confins de l'identité*, Gallimard, 2005) : une approche fondée sur une manière particulière de déclencher, pendant la cure, une véritable désorganisation de la subjectivité afin de permettre au patient de se regarder comme étranger à lui-même.

Que ce soit à l'écoute de tel analysant étouffé par ses angoisses ou dans la compréhension de tel écrivain submergé par son acte créateur, Michel de M'Uzan a toujours su mettre en évidence ce qu'il y a de plus dangereux dans l'âme humaine : la destruction de soi. Quelque chose comme la folie langagière du dernier Artaud enfermé dans la maison de santé d'Ivry : « Armé de son marteau, écrit-il, il cognait rythmiquement sur son billot de bois. C'était bien sûr d'un langage qu'il s'agissait alors, un langage (...) qui affirmait brutalement le "JE, MOI, RIEN" en majuscule dans le poème. »

Clinicien de l'extrême

Doué d'un vrai talent littéraire, de M'Uzan savait raconter des récits de cures où il n'hésitait pas à aborder des pathologies insolites. Clinicien de l'extrême, hanté lui-même par des fantômes, il savait aussi se confronter à la mort. Pour s'en convaincre, il suffit de lire ce récit de la cure d'une jeune romancière terrassée par un cancer généralisé et qui, après une brève aventure amoureuse avec son chirurgien, parvient, à l'instant même de son ultime agonie, à présenter son dernier livre devant un parterre de journalistes : « Fardée, radieuse, brillante, séductrice encore », elle réussit à « subjuguier toute l'assistance » (*L'Inquiétude permanente*).

C'est donc par un art exceptionnel de la narration que Michel de M'Uzan savait donner corps à cette étrangeté d'un inconscient archaïque dont il faisait l'outil majeur de sa pratique.

Michel de M'Uzan en six dates

1921 Naissance à Paris

1948 Thèse sur Franz Kafka

1977 « La Bouche de l'inconscient » (Gallimard)

2005 « Aux confins de l'identité » (Gallimard)

2015 « L'Inquiétude permanente » (Gallimard)

7 janvier 2018 Mort à Paris

A propos de l'autisme: deux textes à consulter

REPERAGE PRECOCE DE L'AUTISME : LA FRANCE PREND DE L'AVANCE !

par Christine Gintz Secrétaire Générale du RAAHP

Le RAAHP, qui rassemble des associations de familles et personnes autistes, n'a pas tous les jours l'occasion d'annoncer de bonnes nouvelles concernant l'autisme : c'est une affection complexe et la compréhension que nous en avons ne progresse qu'à très petits pas, nous laissant encore trop souvent démunis devant nos interrogations et nos doutes sur le chemin à suivre.

Aujourd'hui cependant nous sommes très heureux de vous faire part de la publication, dans la revue scientifique américaine Plos One, d'une importante découverte des chercheurs de PRÉAUT sur le dépistage ultra précoce des bébés à risque d'autisme.

Dès le début des années 2000 les chercheurs de PREAUT visionnaient des centaines de films familiaux d'enfants devenus autistes, afin de dégager les éléments cliniques les plus pertinents présents chez les tout-petits et qui devaient alerter les pédiatres et toutes personnes travaillant au contact avec les enfants. La psychanalyste Marie-Christine LAZNIK a eu le mérite d'isoler ces signes caractéristiques. La particularité qu'elle a repérée est la manière dont le bébé est capable ou non de prendre l'initiative de la relation et pas seulement de réagir à la sollicitation...

Suite de l'article ici: <<https://www.autismes.info/>>.

On trouvera la publication en anglais de ce travail sur le site de la revue Plos One (décembre 2017): "Infant and dyadic assessment in early community-based screening for autism spectrum disorder with the PREAUT grid". Cliquer ici: <<http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0188831>>.

On trouvera Sur le site de PREAULT, la version française de ce document: "Recherche PREAUT: les signes precoces". Cliquer ici: <<https://www.preaut.fr/dispositifs-experimentaux/la-recherche-preaut/recherche-preaut-princeps/>>.

Paris, le samedi 13 Janvier 2018 (Rappel)
Centre international de séjour Maurice Ravel, 6, avenue Maurice Ravel
75012 Paris

Colloque du CILA
L'ADOLESCENT DANS SON INSTITUTION

Renseignements et inscriptions : cila.colloque@gmail.com

Paris, le samedi 13 Janvier 2018 (Rappel) de 14h00 à 18h00
Espace analytique, 12 rue de Bourgogne Paris 7^o

CORPS ET PULSION
Colloque organisé par Marielle David et Hélène Godefroy

Intervenants Houchang Guilyardi , Marc Strauss, Hélène Godefroy, Michaël Ringenbach, Gérard Pommier
Informations ici: <<http://espace-analytique.org/Evenements/4460>>.

Paris, le samedi 20 Janvier 2018
23 rue Campagne-première, 75014 Paris

Journée de travail Henri Maldiney : « Le vivant et l'existant »

Organisation Christian Chaput Dominique Ducard

Présentation (extrait) : L'œuvre d'Henri Maldiney (1912-2013) se laisse ressaisir comme une phénoménologie de l'existant, ou comme lui-même le dit – à la suite de Heidegger, tout en le réinterprétant – du Dasein. Aussi est-ce en suivant cette voie qu'il a su interroger et renouveler le champ de la psychiatrie par la Daseinsanalyse de Binswanger, aussi bien que celui de l'esthétique sensible et artistique... Cette journée d'étude aura donc pour enjeu d'interroger cette philosophie en se demandant si en elle, la question du vivant a pu être véritablement réfléchie, ou si elle n'a pas été trop vite recouverte par celle de l'existant. Le questionnement philosophique sera complété par des références à la clinique psychiatrique et psychanalytique, et à la création picturale, littéraire, poétique, pour interroger l'articulation du vivant à l'existant.

Intervenants : Dominique Ducard, Christian Chaput, Arnaud François, Caroline Gros, Philippe Grosos, Thomas Augais, Anne-Marie Dubois.
On peut s'inscrire en envoyant un courriel à: doc.chaput@yahoo.fr.

Paris, le samedi 20 Janvier 2018
Espace analytique, 12 rue de Bourgogne Paris 7^o

COLLOQUE

Pour un regard neuf de la psychanalyse sur le genre et les parentalités

Argument: Le mouvement analytique a souvent du mal à réaliser les importants changements de société des dernières décennies. Il garde souvent des positions trop patriarcales et réactionnaires. Si la psychanalyse paraît désormais décalée et a perdu de son prestige, les auteurs de l'ouvrage tentent de transmettre aux nouvelles générations un discours analytique sur le genre et la famille dynamique, vivant, actuel et ouvert sur l'avenir qu'il nous importe de pouvoir discuter. Car « ce sont en effet les rapports de la psychologie de l'homme avec la famille conjugale qui se proposent à l'étude du psychanalyste » (Lacan, 1938).

Intervenants : Gisèle Chaboudez, S. Lippi, Laurent Delhommeau, M. Zafiroopoulos, A. Michels, G. Katarov, Claire Nahon, Pascal Laëthier, Laurence Croix, Frédérique Riedlin, Ouriel Rosenblum, Béatriz Santos, Gérard Pommier.
Informations ici: <<http://espace-analytique.org/Evenements/4459>>.

Paris, le jeudi 25 Janvier 2018 à 21h00
Espace analytique, 12 rue de Bourgogne Paris 7^o

Séminaire de Catherine Saladin et Guy Sapriel
La psychanalyse et les institutions pour enfants
La séance sera animée par Martine Sgambato : "Des psychanalystes en PMI"

Paris le vendredi 2 février 2018
Bâtiment Halle aux Farines - Amphi 1A 2 rue Marguerite Duras, 75013 Paris
Université Denis Diderot

Colloque

Quand le corps s'emballe : approche psychosomatique de la maternité
Rencontre avec Kai Von Klitzing

Intervenants: Valeria Barbieri, Bérangère Beauquier, Sarah Bydlowski, Gaia de Campora, Jacques Dayan, Pierre Delion, Michel Dugnat, Marcela Gargiulo, Bernard Golse, Laurie Laufer, Cristina Lindenmeyer, Denis Mellier, Nasha Murday, Sophie Parat, Nathalie Presme, Ouriel Rosenblum, Almudena Sanahuja, Claire Squires, Elsa Stora, Sylvie Viaux, Kai Von Klitzing.
Informations ici: <<http://www.ep.univ-paris-diderot.fr/wp-content/uploads/2017/12/prog-lecorpssemballe.pdf>>.

Paris le samedi 3 février 2018 de 14h à 17h00
ASIEM – Centre Albert de Lapparent 6 rue Albert de Lapparent 75007 Paris (Métro
Séjour)

Dans le cadre du séminaire organisé par le CIPA intitulé
« Effets de la Modernité dans la clinique.
Précarité des subjectivités à l'aune des idéologies et du politique »
D'UNE «SENSORIALITÉ SANS PENSÉES» À LA RADICALISATION

Intervenantes : Monique Selz, Danielle Epstein, Marie-Laure Dimon

7) Ficha técnica

Editoração: Bruno Albuquerque (brunopintodealbuquerque@gmail.com)

Colaboração: Macla Ribeiro Nunes (macla.nunes@unirio.br)

Secretaria de publicações: Tania Rosas (tarosas@uol.com.br)

